

O Bisturi e a oposição ao Eco do Sul: embates na imprensa rio-grandina (1890-1893)

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

88



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt
Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



O *Bisturi* e a
oposição ao *Eco do
Sul*: embates na
imprensa rio-
grandina (1890-1893)





CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

O *Bisturi* e a oposição ao *Eco do Sul*: embates na imprensa rio- grandina (1890-1893)



CIPSH
INTERNATIONAL COUNCIL FOR PHILOSOPHY AND HUMAN SCIENCES
CONSEIL INTERNATIONAL DE LA PHILOSOPHIE ET DES SCIENCES HUMAINES



Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande
2024

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord)
Carla Oliveira
Cécile Méadel
Fabrice d'Almeida
João Luís Cardoso
José Ignacio Ruiz Rodríguez
Valérie Dévillard
Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.)
Darlinda Moreira
Jeffrey Scoot Childs
Rosa Sequeira
Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.)
José Bernardino
Milene Alves
Paula Carreira
Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves

Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil

Diretor de Acervo: Ronaldo Oliveira Gerundo

1º Secretário: Luiz Henrique Torres

2º Secretário: Marcelo França de Oliveira

1º Tesoureiro: Valdir Barroco

2º Tesoureiro: Mauro Nicola Póvoas

Ficha Técnica

- Título: O *Bisturi* e a oposição ao *Eco do Sul*: embates na imprensa rio-grandina (1890-1893)
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 88
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Novembro de 2024

ISBN – 978-65-5306-039-5

CAPA: BISTURI. Rio Grande, 23 ago. 1891.

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

Aquela cara é da *china*. Eu sonho às vezes
com monstros rapinantes, porque a vi,
e não me sai da ideia até por meses...
e vejo-a... vejo-a sempre... aqui... ali!...

Eu fujo de a lembrar, leitor, mas nunca
deixou de andar comigo este senhor!
ou seja numa igreja, ou espelunca...
lá a imagem dele! Horror! horror!

Às vezes se adormeço, salto e pulo,
sonhando que me empurra e caio ao rio!
se acordo, vejo-o em tudo e mal engulo
julgando o rosto dele o meu bacio!

Não há um só meio de eu evitá-lo,
pois ele é tudo em tudo, o tal freguês!
até se ouço rinchar qualquer cavalo...
eu julgo ouvir a voz do tal *chinês*!

BISTURI, 9 ago. 1891

SUMÁRIO

Bisturi X Eco do Sul: o contexto de um embate / 13

Thadio Alves de Amorim X João José Cesar: a construção de um confronto / 33

Bisturi X Eco do Sul: o contexto de um embate

A formação histórica republicana sul-rio-grandense constituiu um contexto bastante complexo, marcado por disparidades em relação a outras unidades administrativas brasileiras. No Rio Grande do Sul, nas últimas décadas do século XIX, houve uma grande ascendência dos liberais que dominaram a vida política provincial. Ao passo que os conservadores enfraqueciam-se e cindiam-se tendo em vista a aprovação das leis em torno da questão escravista, os liberais permaneciam unidos e reforçavam-se no poder. Já nos anos 1880, de forma tardia em relação ao resto do país, deu-se a gênese do movimento republicano gaúcho, o qual alicerçou suas campanhas fazendo oposição ao partido estabilizado nas posições de mando, criticando fortemente os liberais. Em princípio tal republicanismo não diferiu muito das propostas dos antimonárquicos do centro do Brasil, mas progressivamente, tal grupo foi adotando posturas diferenciadas, notadamente pelo fato de que no conjunto nacional houve tendência de aproximação entre republicanos e liberais, ao passo que, no Rio Grande, prevaleceu as desinteligências entre ambos.

A partir da liderança de Júlio de Castilhos, se desencadearia uma transformação no movimento republicano rio-grandense, o qual se embasou no pensamento positivista, prevalecendo a perspectiva da

criação de um modelo de Estado autoritário e centralizador. Em torno de seu chefe político, os castilhistas estabeleceram uma estrutura partidária monolítica, personalista e concentradora de poderes. Progressivamente a ideia de ser republicano no Rio Grande do Sul passava a ser sinônimo de ser adepto do castilhismo, de modo que, aqueles que não seguissem a cartilha de Castilhos se afastavam ou eram afastados do partido. Com a instauração da República, os castilhistas foram galgando o poder até dele se apropriarem de maneira quase que definitiva.

A partir de então foram montando um aparelho político-partidário, institucional-constitucional e eleitoral, além de militar-repressivo que serviria ao seu propósito de perpetuação no poder, sem dar nenhuma chance de disputa aos opositores. Tais atitudes serviram para a formação de blocos antagônicos ao castilhismo, que se opuseram drasticamente ao grupo que se apropriava do aparelho do Estado. Parte dessas oposições era formada por membros dos antigos partidos imperiais, liberais e conservadores, que deixavam de lado suas históricas discordâncias para combater a ditadura castilhista. O outro grupo de oposição ao castilhismo era formado por várias das levas de dissidentes republicanos que discordaram da liderança de Júlio de Castilhos ou foram alijados do partido por tal chefe político. Tais grupos oposicionistas eram díspares em termos político-ideológicos e permaneceram desunidos até os primórdios da deflagração da guerra civil de 1893.

Assim, na primeira metade da década de 1890, faziam parte do cenário político-partidário rio-grandense-do-sul os membros do Partido Republicano

O BISTURI E A OPOSIÇÃO AO ECO DO SUL: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)

Rio-Grandense, sectários de Júlio de Castilhos, os antigos liberais e conservadores, que viriam a se unir sob a bandeira do Partido Federalista, o mais duradouro dos opositores ao castilhismo, e os dissidentes republicanos, que viriam a formar diferentes organizações partidárias. O caminho sem volta para a continuidade castilhista no poder só viria a ser interrompida em 1891, quando, depois da tentativa de golpe de Estado perpetrada por Deodoro da Fonseca, houve a derrubada de Júlio de Castilhos e do próprio presidente Deodoro. Formou-se então um governo dividido entre os diferentes grupos oposicionistas, que acabaram por revelar suas limitações e, fundamentalmente, sua heterogeneidade, não conseguindo organizar-se entre si, criticando-se mutuamente e enfraquecendo-se. Tal conjuntura abriu caminho para um retorno de Castilhos ao poder, de onde não mais saiu, ainda mais que foi apoiado pelo governo federal, liderado por Floriano Peixoto. Sem chances pelo caminho eleitoral, os opositores viriam a pegar em armas, apelando para o recurso do “direito à revolução dos povos”, deflagrando a Revolução Federalista que duraria de 1893 a 1895. Ao fim da guerra civil, o resultado traria a derrota das oposições e a vitória dos castilhistas que se consolidaram no poder¹.

¹ Sobre tal processo histórico no Rio Grande do Sul, observar: ALVES, Francisco das Neves. *Revolução Federalista: história & historiografia*. FRANCO, Sérgio da Costa. *Júlio de Castilhos e sua época*. 2.ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1988.; FRANCO, Sérgio da Costa. *A Guerra Civil de 1893*. 2.ed. Porto Alegre: Renascença; Edigal, 2012.; PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A Revolução Federalista*. São Paulo: Brasiliense, 1983.; PINTO, Célio Regina J. *Positivismo: um projeto político alternativo (RS: 1889-*

Em tão intrincado processo histórico, a imprensa teria um papel fundamental, constituindo a voz dos diversos grupos que se antagonizaram. Foi comum nessa época a fundação de jornais para defender os divergentes pontos de vista, havendo a criação de folhas que serviam essencialmente para fazer oposição às publicações dos adversários. Muitos dos periódicos já existentes também viriam a aderir a alguma das frentes que se digladiavam entre si². Na cidade do Rio Grande, uma das mais importantes do contexto gaúcho do século XIX, os representantes do jornalismo demonstraram uma

1930). Porto Alegre: L&PM, 1986.; TRINDADE, Hélio. Aspectos políticos do sistema partidário republicano sul-riograndense (1882-1937). In: DACANAL, José Hildebrando & GONZAGA, Sergius (orgs.). RS: *economia e política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979. p. 119-144.

² A respeito da imprensa dessa época, ver: FÉLIX, Loiva Otero. Pica-paus e maragatos no discurso da imprensa castilhista. In: POSSAMAI, Zita (org.). *Revolução Federalista de 1893*. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 1993. p. 51-56.; FRANCO, Sérgio da Costa. A evolução da imprensa gaúcha e o *Correio do Povo*. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. n. 131. Porto Alegre: 1995. p. 33-40.; REVERBEL, Carlos Evolução da imprensa rio-grandense. In: *Encyclopédia rio-grandense: o Rio Grande Antigo*. v.2. Canoas: Ed. Regional, 1956. p. 241-264.; REVERBEL, Carlos. Tendências do jornalismo gaúcho. In: *Fundamentos da cultura rio-grandense*. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, 1957 (segunda série). p. 101-124.; RÜDIGER, Francisco Ricardo. A imprensa: fonte e agente da Revolução de 1893. In: *Anais do Seminário Fontes para a História da Revolução de 1893*. Bagé: URCAMP, 1983. p. 26-35.; e RÜDIGER, Francisco Ricardo. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1993.

O *BISTURI* E A OPOSIÇÃO AO *ECO DO SUL*: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)

aceitação da mudança na forma de governo, fosse por convencimento, fosse pela opção em não ir de encontro ao fato consumado. Nesse sentido, o *Diário do Rio Grande* buscou reforçar sua conduta de predomínio noticioso e, junto do *Artista*, intentaram manter uma postura de neutralidade, ainda que relutante. O *Eco do Sul*, por sua vez, nos primeiros anos da nova forma de governo, aderiu aos dissidentes republicanos, para posteriormente aproximar-se dos federalistas e tornar-se uma das folhas gaúchas mais combativas ao castilhismo. Já o *Bisturi*, uma folha ilustrada e humorística, permaneceu em sua postura liberal e viria a colocar-se na oposição e na resistência aos castilhistas. Mais tarde, viria a ser criado o *Rio Grande do Sul*, publicação voltada a defender Júlio de Castilhos e seus seguidores.

O *Eco do Sul* foi um dos mais longevos periódicos rio-grandinos, tendo circulado entre 1858 e 1934 e constituiu uma das publicações que mais ardorosamente defendeu princípios político-partidários. À época monárquica foi um promotor do ideário do Partido Conservador, apoiando as administrações de tal grei e opondo-se às liberais. Nesse sentido chegou a constituir “órgão partidário” dos conservadores, chegando a anunciar tal condição em seu frontispício. Com a República, aceitou a nova forma de governo, vindo a aproximar-se da dissidência republicana, colocando-se na oposição ao castilhismo, postura que se consolidaria com o vínculo aos federalistas já nos primeiros tempos da guerra civil³. O *Bisturi* foi criado em 1888, circulando

³ Acerca do *Eco do Sul*, ver: ALVES, Francisco das Neves. *O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da*

de forma regular até 1893 e, com edições mais esporádicas, até 1915. Era uma folha ilustrada e humorística voltada à divulgação da arte caricatural, que desenvolveu um jornalismo crítico-opinativo. Teve ao longo de sua existência uma posição político-partidária identificada com os liberais, tanto que, no período monárquico, apoiou os sectários de tal grupo e opôs-se aos conservadores. Com a mudança na forma de governo, aplaudiu a chegada da República, imaginando que ela se consolidaria em princípios liberais. Com a predominância da tendência autoritária, em seguida a folha ilustrada rio-gradina foi se colocando na oposição aos governos dos marechais, na esfera federal, e dos castilhistas, na estadual⁴.

Assim, desde que circularam concomitantemente, *Eco do Sul* e *Bisturi* estiveram sob orientações partidárias diferentes. À época imperial, o primeiro era ferrenho partidário dos conservadores, ao passo que o outro ficava ao lado dos liberais. Já com a República, enquanto o *Eco* se alinhou com os dissidentes e o *Bisturi* manteve-se com os liberais, dando continuidade a tal apoio em relação aos herdeiros destes, os federalistas. Ao se estabelecerem em tendências partidárias diferenciadas, abria-se uma oposição entre as folhas, que perpassou o período monárquico e estendeu-se aos primeiros tempos republicanos. Além disso, críticas por natureza, as publicações caricatas não pouparam nem mesmo os

imprensa rio-grandina (1868-1895). Rio Grande: Editora da FURG, 2002. p. 271-363.

⁴ Sobre o *Bisturi*, ver: ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: Editora da FURG, 1999. p. 219-243.; e ALVES, 2002. p. 407-465.

O *BISTURI* E A OPOSIÇÃO AO *ECO DO SUL*: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)

colegas de imprensa, dirigindo ataques aos demais periódicos, mormente os diários, avolumando-se tal postura crítica do *Bisturi* em relação ao *Eco do Sul*. Desse modo, ainda que tivessem em comum o embate aos castilhistas, ambas as folhas ainda não estavam devidamente alinhadas, o que só viria a ocorrer na passagem de 1892 a 1893, quando definitivamente se aproximaram igualmente do federalismo.

Em tal conjuntura, os dois periódicos riograndinos empreendiam um conflito entre si, calcado em posturas antagônicas que revelavam dois competidores com pensamentos e práticas colidentes, levando à deflagração de uma luta pela hegemonia de um deles⁵. Entre eles ocorreram atritos, choques e combates que se refletiram em oposição e/ou luta entre ambos os contendores⁶. Tal conflito envolveu a oposição de ações, constituindo em si a luta que decorre do jogo de forças opostas, abrangendo ideias, interesses e vontades⁷. Estabelecia-se então uma perspectiva de contradição caracterizada pela abertura e o desenvolvimento de uma situação de argumentação dialógica, surgindo espaço para o desenvolvimento das figuras de oposição⁸.

⁵ MARTINS, Eleni J. *Enunciação & diálogo*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1990. p. 180-181.

⁶ MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12.ed. São Paulo: Cultrix, 2004. p. 95.

⁷ SHAW, Harry. *Dicionário de termos literários*. Lisboa: Dom Quixote, 1978. p. 116.

⁸ CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 129.

As posições díspares entre *Eco do Sul* e *Bisturi* levaram este a não poupar esforços textuais e imagéticos para combater o adversário político. Tal processo agravou-se nos anos iniciais da República, quando as disputas tornaram-se mais ferrenhas. Nessa linha, a publicação humorístico-ilustrada rio-grandina lançou mão de diversas estratégias para atacar o *Eco*. Os enfrentamentos entre os periódicos refletiam as discrepâncias no seio das oposições sul-rio-grandenses, em meio as quais havia o elo da ojeriza ao castilhismo, mas, ao mesmo tempo, não havia uma aceitação mútua. Nesse quadro, o *Bisturi* transformou o *Eco* em seu alvo preferencial, em um processo que se intensificou com contratação de um novo redator por parte deste diário. A partir de então o conflito sustentou-se a partir dos ácidos e contundentes desenhos caricaturais de Thadio Alves de Amorim, contra a figura do jornalista João José Cezar.

O rio-grandino Thadio Alves de Amorim (1856-1920) foi um dos mais destacados militantes da arte caricatural e litográfica no contexto sul-rio-grandense. Ele realizou aulas de desenho com o artista e fotógrafo francês Edouard Timoleon Zalony, que por significativo tempo trabalhou na cidade do Rio Grande. Esteve presente em praticamente todos os semanários vinculados à imprensa caricata na cidade do Rio Grande, atuando como colaborador em *O Amolador* e funcionário de *O Diabrete* e do *Maruí*, passando depois à direção e como proprietário deste último periódico, além de ter fundado e dirigido o *Bisturi*, ponto mais alto de sua

O BISTURI E A OPOSIÇÃO AO ECO DO SUL: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)

carreira⁹. Ainda moveu mais dois projetos editoriais do jornalismo caricato, com *A Semana Ilustrada* e *O Rio Grande Ilustrado*. Assim, de seus sessenta e quatro anos de vida, dedicou mais de quatro décadas à arte caricatural e litográfica.

Desde suas primeiras experiências, Thadio Amorim atuou com mais firmeza no campo da caricatura, imprimindo a suas charges um sabor ácido e quente. Ele ofereceu desenhos mais cheios e acabados, o que lhes infundia maior vigor e densidade, tornando-se indisfarçável a veia cômica. A partir de seus dotes, confortou seu nome e bastante contribuiu para alentar mais ainda a popularidade de *O Diabrete*. Esteve presente no registro dos eventos políticos de mais relevância, como nas instantâneas anotações dos fatos corriqueiros da vida local, de modo que frequentemente conseguia efeitos felizes, valorizando os ditos picantes e quase sempre reles da lavra dos redatores do periódico e também de sua autoria. Já nos anos 1880, Thadio adquiriria estilo próprio e acabaria fazendo rumor na cidade portuária¹⁰.

A partir de sua ação no *Maruí*, fez-se, além de ilustrador, também jornalista, e, diante dos compromissos que assumiu, todos numerosos e pesados, obrigou-se ao estudo assíduo e ao esforço continuado em sua arte, resultando disso sensível progresso em seus conhecimentos e não menos sensível valorização de seus

⁹ FERREIRA, Athos Damasceno. *Artes plásticas no Rio Grande do Sul (1755-1900)*. Porto Alegre: Globo, 1971. p. 333.

¹⁰ FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962. p. 159 e 166.

meios de expressão. Nesse quadro, a cada dia, seu lápis se tornava mais ágil e seu traço ganhava maior autonomia. Ainda que tenha recebido influências dos chargistas do Rio de Janeiro, como Ângelo Agostini, Bordalo Pinheiro, entre outros, notadamente do primeiro, seu estilo se definiu e revelou qualidades bastante estimáveis. Desse modo, das transposições a que várias vezes se limitou, no início da carreira, passou a uma feliz invenção pessoal, vindo a obter compensadores efeitos¹¹.

A partir da transição da direção do *Maruí* para as mãos de Thadio Amorim, com seu temperamento irrequieto, o hebdomadário entrava em nova fase, então, sim, perfeitamente dentro dos moldes que já eram familiares ao diretor recente, cujo proveitoso aprendizado em *O Diabrete* havia disposto e encaminhado o artista para um gênero de imprensa de que não mais se afastaria dali por diante. No que tange às inocentes colunas do periódico, em geral alimentadas à base das piadas leves e da literatura sedativa dos versos de amor, sucederam pouco a pouco contundentes artigos de crítica política e social a que davam relevo, na obra litográfica, os mordazes desenhos que os completavam. Também promoveu reformas administrativas na gestão do semanário, dando-lhe melhores condições de sobrevivência. Tal circunstância assegurava a Amorim maior desembaraço nos movimentos, de vez que, escorado nas reservas e disponibilidades de uma gerência bem nutrita, podia aventurar-se em campanhas perigosas - coisa que, sem

¹¹ FERREIRA, 1971, p. 344-345.

O *BISTURI* E A OPOSIÇÃO AO *ECO DO SUL*: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)

independência financeira, embora relativa, jamais lhe passaria de esquiva e inviável pretensão¹².

Depois do *Maruí* e da breve experiência com *A Semana Ilustrada*, Thadio Amorim inaugurou o *Bisturi*, que constituiu indubitavelmente o melhor semanário de quantos ilustrou, vindo a se exibir em tal periódico de corpo inteiro, ou seja, o desenhista iniciante do *Amolador* e do *Diabrete*, ou mesmo o calunguista hesitante do *Maruí* davam lugar a um chargista de pulso bastante seguro, que sabia o que queria, vindo a poder explorar sua especialidade com um rendimento perfeitamente satisfatório. Sua longa atuação ficou marcada pelo talento e pela verve e sua copiosa produção no *Bisturi* venho a confirmar suas qualidades inegáveis¹³. Com o *Bisturi*, Thadio atuou inspirado na *comédia prática dos mútuos deveres da família social*, sem abrir mão do direito, por ele tido como indeclinável, de corrigir os erros e castigar os vícios da população. O *Bisturi* despertou interesse e firmou-se com entono na cidade, onde, mau grado as prevenções e malquerenças, ganhou expressiva popularidade. Na sua linha editorial, as páginas de literatura neutra continuavam a ocupar boa porção do semanário, mas o assunto político sobrelevava os demais e acabaria sendo a nota sempre ferida, quer pelo diretor da folha, quer por seus auxiliares¹⁴.

Ao chegar à idade da reflexão, Thadio Amorim não mais se contentava com uma simples folha ilustrada, destinada apenas ao gosto fácil de mocinhas desocupadas, à curiosidade miúda dos bisbilhoteiros e à

¹² FERREIRA, 1962, p. 178-179.

¹³ FERREIRA, 1971, p. 335.

¹⁴ FERREIRA, 1962, p. 187-189.

assanhada fome dos apreciadores de escândalos domésticos. Nesse sentido, concebeu e pôs em prática um projeto de maior envergadura, buscando até mesmo em parte imprimir ao periódico que dirigia a feição das folhas diárias, ao lado das quais se perfilou, certo de que com elas ombrearia no trato e avaliação das altas questões que afetavam e agitavam a nação. A partir de tais propósitos, embora não desprezasse inteiramente a rendosa matéria dos *casos pessoais* e dos mexericos mundanos, que outrora lhe haviam aberto caminho, passava a atuar como político militante, de cuja pena e de cujo lápis também haveriam de escorrer as adequadas soluções para os intrincados problemas da nacionalidade. Amorim tinha um espírito revel, um caráter sujeito a oscilações constantes, e, como inconformado, esteve sempre em desacordo com a ordem - ou a desordem - vigorante e, portanto, em permanente atrito não só com aqueles que representavam essa ordem, como ainda com o meio, a que estendia seus ásperos reparos¹⁵.

Durante sua longa carreira, Thadio Alves de Amorim teve etapas de significativo progresso em seus empreendimentos, mas, por outro lado, também enfrentou diversos reveses, a maior parte deles vinculada às perseguições que sofreu. Seu olhar crítico e seus posicionamentos político-ideológicos trouxeram-lhe pesada coerção sobre suas atividades como jornalista, caricaturista e litógrafo, passando por constante fiscalização policial e das autoridades públicas, além de ter chegado a sofrer um atentado com arma de fogo e vindo a ser aprisionado, para responder quanto a suas

¹⁵ FERREIRA, 1962, p. 190.

O BISTURI E A OPOSIÇÃO AO ECO DO SUL: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)

convicções de oposição e resistência ao autoritarismo governamental que dominou o Brasil e o Rio Grande do Sul nos primeiros tempos da República. Lançando mão da arte caricatural, Amorim manteve, durante toda a sua existência, a si mesmo e a sua família, por meio da atuação como funcionário de edições ilustradas, da venda de assinaturas e números avulsos dos periódicos que editou ou ainda da prestação de serviços litográficos e tipográficos. Esse conjunto de atividades rendeu-lhe o papel de um dos mais importantes caricaturistas sul-rio-grandenses¹⁶.

João José Cezar (1849-1916) nasceu no Rio Grande e, ainda muito jovem dedicou-se às lides tipográficas, tanto que, com treze anos, já trabalhava como aprendiz nas oficinas do *Eco do Sul*. Também atuou na vizinha cidade de Pelotas e na capital gaúcha, onde serviu na redação e na oficina do órgão de divulgação do ideário republicano, *A Federação*. Desenvolveu outras atividades em Porto Alegre, até fundar e dirigir a *Folha da Tarde*. Foi um defensor do pensamento antimonorquico e militou junto dos republicanos rio-grandenses. Entretanto, à época da transição da Monarquia à República, rompeu com o castilhismo, compondo uma das primeiras levas de dissidentes republicanos. Como inimigo dos castilhistas sofreu forte perseguição dos governistas, voltando para a cidade do Rio Grande, para trabalhar na redação do *Eco do Sul* (ECO DO SUL, 19 abr. 1890 e 7 set. 1893).

¹⁶ Contexto biográfico elaborado a partir de: ALVES, Francisco das Neves. *A arte caricatural e litográfica no sul do Brasil: três olhares sobre a carreira de Thadio Alves de Amorim*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2022. p. 10-15.

Os vínculos de J. J. Cezar com as atividades gráficas ficavam demarcados na sua participação no estabelecimento de um Grêmio Tipográfico na vizinha cidade de Pelotas, na fundação do qual ele atuava como presidente e colaborou no estabelecimento de seus estatutos¹⁷. Após sua atuação na zona sul gaúcha, João José Cezar foi para Porto Alegre e, bem de acordo com suas convicções antimonárquicas, conseguiu um lugar no jornal *A Federação*, na mesma época em que o líder máximo do republicanismo sul-rio-grandense, Júlio de Castilhos, ocupava a função de diretor da redação do periódico. Sua participação na publicação republicana vinculou-se às lides tipográficas, com ocasionais participações na redação de textos (*A FEDERAÇÃO*, 20 set. 1884; e 20 set. 1885).

Ele chegou a ser identificado como um auxiliar de primeira ordem no jornal *A Federação* e um membro ativo do movimento republicano gaúcho, sendo apresentado como “companheiro de redação” e “companheiro de trabalho” do periódico republicano. Na mesma linha, empreendia viagens junto de lideranças republicanas como Ramiro Barcelos e Ernesto Alves, além de ter representado *A Federação* e o Clube Republicano de Porto Alegre em solenidades, como funerais (*A FEDERAÇÃO*, 1º dez. 1884; 1º maio 1886; 21 maio 1886; 21 nov. 1886; 8 mar. 1886; e 31 mar. 1886). Na época em que trabalhava na *Federação*, se fez presente também na condição de pesquisador e escritor, como ao colaborar com o *Anuário da Província do Rio Grande do Sul*

¹⁷ ESTATUTOS DO GRÊMIO TIPOGRÁFICO. Pelotas: Tipografia da Livraria Americana, 1881.

O BISTURI E A OPOSIÇÃO AO ECO DO SUL: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)

para o ano de 1885¹⁸. Na ocasião não deixaria de lado seu tema de trabalho, apresentando o artigo “Notas sobre a imprensa do Rio Grande do Sul”, um levantamento quantitativo quanto aos periódicos que circulavam no contexto rio-grandense-do-sul no ano de 1884, classificados por cidade e identificados quanto à postura político-partidária.

Ao final de 1886, o jornalista viria a deixar *A Federação*, em uma saída que ficou marcada pela concórdia e colegismo, pois a redação da folha ressaltou o papel de Cezar na execução de serviços redacionais e tipográficos. Além da questão profissional, ele era identificado como próximo e sectário das ideias defendidas pelo periódico, uma vez que foi apresentado como “companheiro, amigo e correligionário”. A partir desse afastamento, Cezar lançou-se em uma nova empreitada, dedicando-se às lides com as quais trabalhava desde a juventude, voltando-se a uma tarefa a qual esteve vinculado por aproximadamente um quarto de século, ao fundar uma agência de anúncios e trabalhos tipográficos e litográficos. Pouco depois, o jornalista/tipógrafo iria lançar-se em novo empreendimento, inaugurando na capital gaúcha o *Café High-life* (A FEDERAÇÃO, 21 dez. 1886; 21 dez. 1886; 22 abr. 1887; e 7 maio 1887).

Na mesma época, J. J. Cezar fundou um novo periódico, *A Folha da Tarde*, com circulação bissemanal, prometendo levar ao público “uma leitura útil, amena e

¹⁸ CEZAR, João José. Notas sobre a imprensa do Rio Grande do Sul. In: Anuário da Província do Rio Grande do Sul para o ano de 1885. Porto Alegre: Editores Gundlach & Cia., Livreiros, 1884. p. 188-200.

instrutiva” (*O SÉCULO*, 24 dez. 1887). No frontispício da publicação, ele aparecia como diretor, atuando na redação e no gerenciamento das atividades. Até então, eram mantidas as relações de companheirismo e cordialidade com os seguidores de Júlio de Castilhos, tanto que continuava presente nas páginas da *Federação*, a qual citou várias atividades que contaram com a participação do jornalista, apresentado na condição de “colega de imprensa” (*A FEDERAÇÃO*, 15 maio 1888; 8 jul. 1889; 22 jul. 1889; e 14 ago. 1889). Enquanto dirigia a *Folha da Tarde*, em 1888, Cezar organizou uma coletânea, intitulada *Contrabando oficial*, reunindo os artigos publicados pelo órgão bissemanal que administrava¹⁹.

Foi durante a sua ação na *Folha da Tarde* que ocorreu o rompimento de J. J. Cezar com o castilhismo. Pelas páginas do periódico ele acabaria por manifestar-se contrariamente às autoridades governamentais e, como foi típico dos primeiros tempos republicanos, sofreu perseguições motivadas por tal postura. Iniciava-se ali a adesão do jornalista à dissidência republicana, pois, mesmo que fosse um adepto histórico do republicanismo, ousara discordar da liderança máxima do PRR, fator que, inevitavelmente levava à ruptura em relação ao exclusivismo castilhista. Nesse momento, *A Federação* chegou a publicar furiosas matérias contra Cezar, em clara tentativa de menosprezar o papel que ele exercera junto ao movimento republicano e ao próprio periódico governista, que não pouparon adjetivações pejorativas para desqualificar o novo inimigo (*A FEDERAÇÃO*, 10 mar. 1890; e 13 mar. 1890).

¹⁹ CEZAR, João José. *Contrabando oficial*. Porto Alegre: *Folha da Tarde*, 1888.

O BISTURI E A OPOSIÇÃO AO ECO DO SUL: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)

Diante das dificuldades que se antepunham na capital gaúcha, J. J. Cezar decidiu voltar à sua cidade natal, para atuar no periódico no qual iniciara sua carreira nas lides tipográficas, o *Eco do Sul*. A partir de seu ingresso no *Eco*, Cezar se afirmaria como voz de oposição e resistência ao castilhismo, movendo editorias de profundo combate. A partir do final de junho de 1890, sob o pseudônimo de *Cantu-Mirim*, o jornalista traria uma nova estratégia no ataque aos governistas, promovendo a edição das “Historietas”, poemetas satíricos que seriam publicados de modo quase que ininterrupto por praticamente um ano e meio, batendo forte em Júlio de Castilhos e seus agentes políticos. Em novembro de 1891, a queda dos castilhistas do poder foi vista por J. J. Cezar como uma vitória definitiva, de modo que as “Historietas” deixaram de ser publicadas em várias edições, tendo em vista as ausências do jornalista da cidade do Rio Grande, retomando-as em seu retorno.

As inserções das Historietas rareavam cada vez mais, até que viriam a desaparecer, com mais de quatrocentas edições, em dezembro de 1891. A partir da nova situação política, com a ascensão das forças anticastilhistas, e os dissidentes republicanos em destaque, J. J. Cezar obteve um cargo público no setor judiciário e, após breve período tentando conciliar as funções redacionais com a nova ocupação, acabaria observando a incompatibilidade entre ambas, vindo a deixar a redação do *Eco*. O afastamento dos castilhistas duraria pouco e eles retomariam o poder em meados de 1892. João José Cezar, perdendo seu cargo, voltou à redação do *Eco do Sul* no segundo semestre daquele ano, permanecendo até os primeiros meses do ano seguinte.

As atitudes persecutórias recrudesciam com veemência e Cezar era um dos alvos preferenciais. Tamanha repressão obrigou-o a afastar-se mais uma vez de sua cidade natal. Como em um primeiro momento não havia notícias de seu paradeiro, boatos surgiram a seu respeito, chegando-se a imaginar um destino funesto para ele. Meses depois, ficaria esclarecido o mistério do desaparecimento de J. J. Cezar. Ela não tivera apenas de deixar a cidade em que nasceu e desenvolvia seu trabalho, vendo-se obrigado, frente à opressão governamental, a abandonar até mesmo o Rio Grande do Sul. Por ocasião de seu quadragésimo quarto aniversário, a redação do *Eco do Sul* saudava “o inteligente e amestrado jornalista”, que passara a residir no Rio de Janeiro, vindo a ser “um dos coproprietários e redator da *Crônica*”. O periódico rio-grandino esclarecia que Cezar se vira na obrigação não só de afastar-se do emprego, como da própria família, descrevendo que, “distante do meio onde nasceu e do lar que constituiu, as alegrias que o aniversário daquele amigo” deveria despertar, ficavam “intercaladas de saudades da terra natal, o Rio Grande, e da prole que idolatra, a qual reside nesta cidade” (*ECO DO SUL*, 7 set. 1893).

Mais tarde, Cezar viria a retornar ao Rio Grande do Sul e continuaria a militar no jornalismo, chegando a dirigir a edição de *O Rio Grande Ilustrado*. Na virada do século XIX para a centúria seguinte, permanecia ativo na vida cultural gaúcha, como ao proferir a palestra “A maçonaria e a mulher”, na cidade de Porto Alegre²⁰. Voltou a residir no Rio Grande e as perseguições

²⁰ CEZAR, João José. *A maçonaria e a mulher – conferênciia*. Porto Alegre: Tipografia Marconi, 1901.

O *BISTURI* E A OPOSIÇÃO AO *ECO DO SUL*: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)

políticas também permaneceram, como referenciava o *Eco do Sul*, ao enfatizar que estivera “sob a pressão de uma ameaça policial o nosso colega J. J. Cezar, que, avisado a tempo, retirou-se para Pelotas, pelo trem da tarde”. A folha diária rio-grandina descrevia ainda que “a residência daquele conhecido jornalista esteve guardada pela polícia”, concluindo ao excluir: “A que situação chegamos!...” (*ECO DO SUL*, 9 jun. 1903). Cezar permaneceu na sua cidade natal até a sua morte, em 1915²¹.

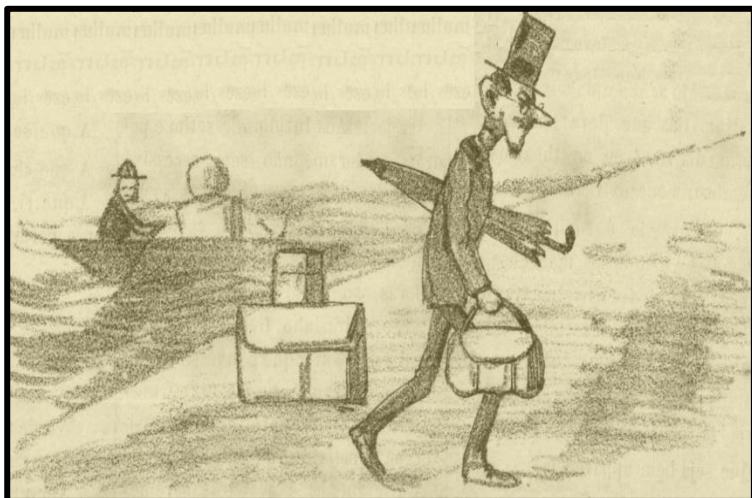
Apesar de tantos pontos coincidentes entre as existências de Thadio Amorim e J. J. Cezar nos primeiros tempos republicanos, com ambos atuando como jornalistas, combatendo fortemente o castilhismo e sendo perseguidos por isso, eles estiveram em posições político-partidárias discrepantes, o que levou o *Bisturi* a não poupar construções iconográficas e textuais para atacar o adversário. Tal enfrentamento jornalístico só viria a encerrar-se com a deflagração da guerra propriamente dita, quando finalmente a perspectiva do inimigo em comum colocaria os dois do mesmo lado do conflito.

²¹ Contexto biográfico elaborado a partir de: ALVES, Francisco das Neves. *Sátiras políticas versejadas no Brasil Meridional: as origens das Historietas* (1890). Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2020. p. 36-62.

Thadio Alves de Amorim X João José Cezar: a construção de um confronto

As criações textuais e caricaturais elaboradas por Thadio Alves de Amorim acompanharam João José Cezar desde sua chegada ao voltar ao Rio Grande, vindo a tornar-se mais recorrentes e incisivas no momento em que ele assumiu a redação do *Eco do Sul*, tradicional adversário do litógrafo e caricaturista. O retorno de J. J. Cezar ao Rio Grande deu-se nos primeiros meses da forma republicana, em uma época na qual a repressão sobre a liberdade de expressão já se fazia sentir. Nesse sentido, o próprio *Bisturi*, apesar da oposição ao *Eco*, denunciou a coerção realizada contra o responsável por tal jornal, mostrando o mesmo sendo encaminhado à delegacia, acompanhado de policiais, para averiguações. Diante disso, o semanário descrevia que “o proprietário do *Eco* foi intimado a comparecer na polícia para explicar a procedência de uma notícia que publicou” e seria “prejudicial às coisas do governo”. Na mesma ocasião, o periódico humorístico apresentava o desembarque de Cezar no cais citadino, com suas bagagens e o guarda-chuva debaixo de braço, gravura acompanhada da descrição: “De Porto Alegre chegou o Sr. J. Cezar, de encomenda para a redação do *Eco do Sul*” (BISTURI, 20 abr. 1890).

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



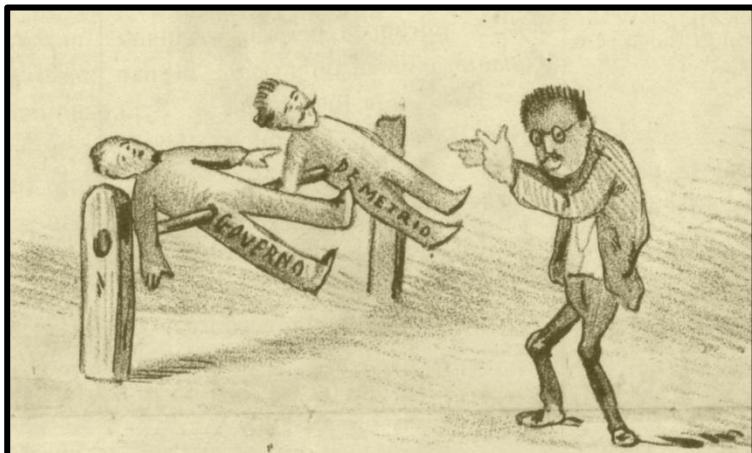
O *BISTURI* E A OPOSIÇÃO AO *ECO DO SUL*: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)

A recepção a Cezar foi realizada pela folha caricata rio-grandina em bons termos, sem perder o tom de jocosidade. Perante tal chegada, o semanário afirmava que, “a um tão pujante combatente nas lutas da publicidade rio-grandense, o *Bisturi*, de casaca e *clac*, de barba feita, colarinho em pé”, vinha render a J. J. Cezar “as suas homenagens sinceras pelo regresso à terra natal”. Ao qualificar o recém-chegado, o periódico ilustrado destacava “a independência das suas opiniões” e “a rigidez dos seus princípios sãos e nobres”, além de enfatizar “a atitude sobranceira”, com a qual, “ultimamente, soube manter brilhantemente nas conjunturas amargurosas porque passou em Porto Alegre”. Considerava que, “se por ventura”, ele não fosse conhecido no Rio Grande, “de outras tenazes lutas e sempre gloriosas”, vindo a ser dada, “a medida da sua estatura na imprensa” (*BISTURI*, 4 maio 1890).

A plena harmonia entre Thadio Amorim e J. J. Cezar não seria das mais duradouras, pois, logo em seguida, o novo jornalista do *Eco do Sul* era apresentado pelo *Bisturi* como um torturador, que seviciava o governo e o republicano histórico Demétrio Ribeiro. Nessa linha, a folha ilustrada comentava que “o redator do *Eco* veio continuar aqui a desabafar as suas paixões partidárias... *pim...* *pam...* *pum...*, pobre governo, pobre Demétrio, como te cospem nos pratos”, que até “ontem lambiam” (*BISTURI*, 4 maio 1890). Ainda assim, não deixava de destacar o papel de Cezar no combate aos castilhistas, denominados pelo semanário de “executivos”, mostrando o escritor público a utilizar sua pena para atingir os adversários. Dessa maneira, o periódico declarava: “O redator do *Eco* continua a desancar nos ‘executivos’, não os deixa por o pé em

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

ramo verde. ‘A Cesar o que é de Cesar’” (BISTURI, 15 jun. 1890).



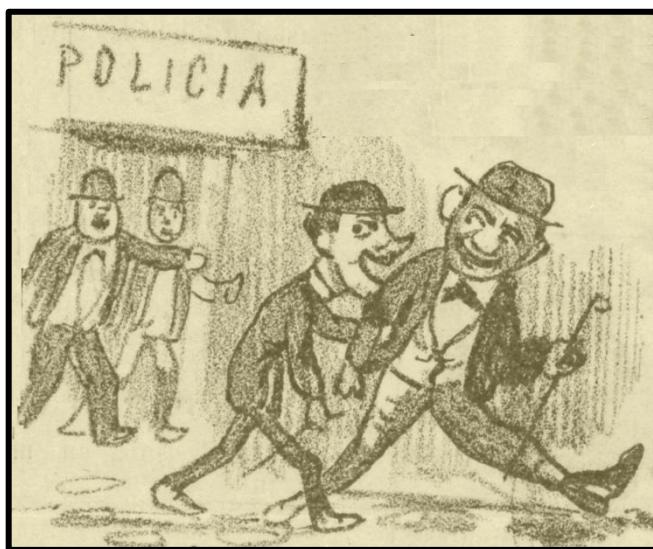
A coerção sobre o jornalismo era mais uma vez referenciadas, trazendo a presença dos responsáveis sobre o *Eco*, que eram convocados pelas autoridades policiais vinculadas aos “executivos”, vindo a ludibriá-las, pela incapacidade das mesmas. Mesmo assim,

O *BISTURI* E A OPOSIÇÃO AO *ECO DO SUL*: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)

demarcava que, se pudessem, os “executivos engoliriam os membros redacionais do diário rio-grandino, dentre eles o próprio “Pato”, apelido de Júlio de Castilhas, que o *Bisturi* reforçava para desqualificar o líder republicano. Nesse sentido, o desenho trazia “o redator e o proprietário do *Eco*”, sendo mais uma vez conduzidos à delegacia, com a explicação jocosa de que ambos teriam sido “convidados pela polícia dos execu... a comparecerem na secretaria para darem esclarecimento sobre a notícia que deram da morte do infeliz Jorge”. Eles foram “levados à presença dos execu... policiais, o redator empurra para o proprietário e o proprietário empurra para o redator”, de modo que, “assim levaram a coisa, de ‘troca’ e ‘cosca’, no mais solene debique”. Mas garantia que, “se algum execu... o agarra a jeito é capaz de o engolir com o rabicho, tripas e tudo” e “que belo manjar, que excelente isca seria para o ‘Pato’” (*BISTURI*, 24 ago. 1890).

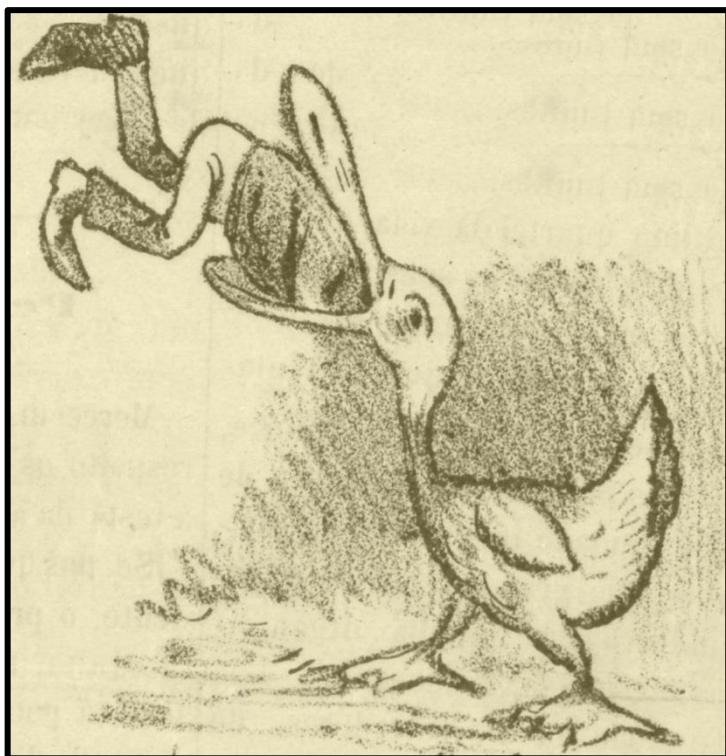


FRANCISCO DAS NEVES ALVES



O BISTURI E A OPOSIÇÃO AO ECO DO SUL: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)

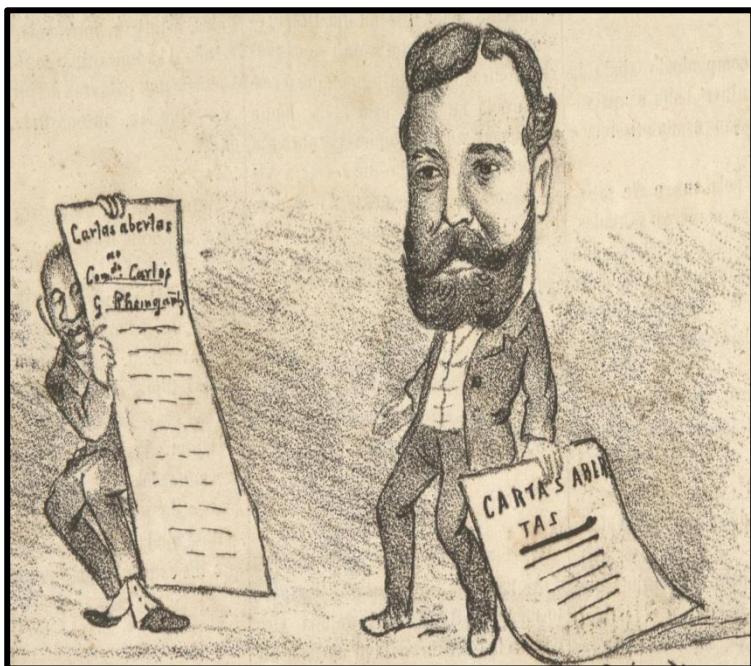




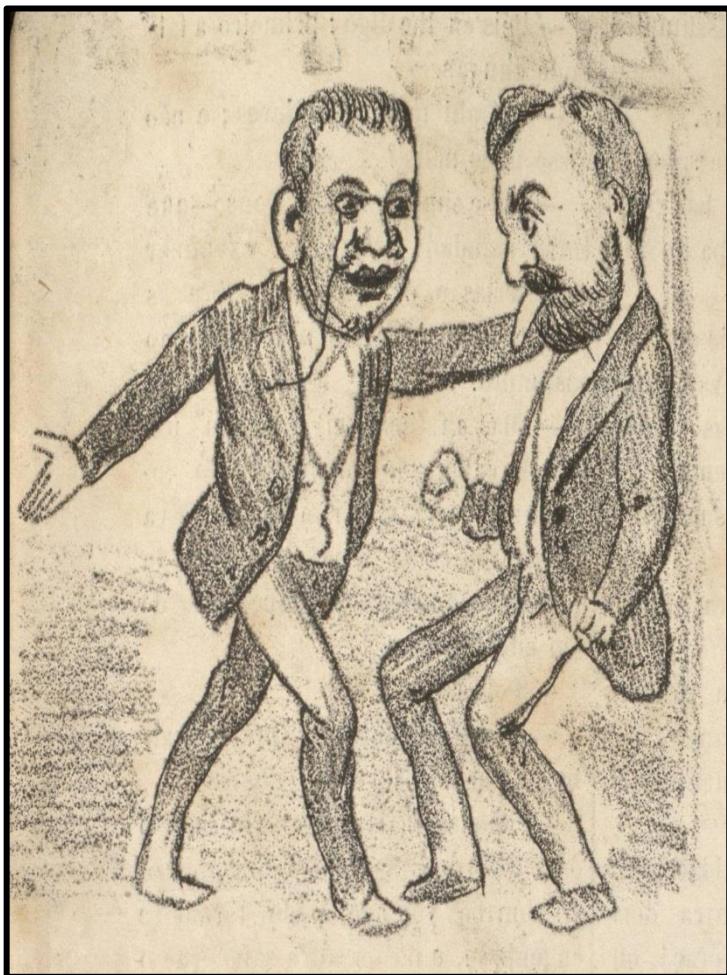
Um industrial da cidade do Rio Grande, comendador Rheingantz, buscou realizar um movimento que buscassem garantir alguma estabilidade diante da agitação política que tomava conta do cenário sul-rio-grandense, sendo suas propostas contraditadas pelas colunas do *Eco* escritas por J. J. Cezar, como mostrava o *Bisturi*, apresentando tal redator atrás de seus escritos a enfrentar o empresário, com a descrição de que “as cartas abertas do *Eco do Sul*, endereçadas ao comendador Rheingantz, não lhe estão fazendo muito boa digestão”, pois “o encyclopédico gerente começa a

O BISTURI E A OPOSIÇÃO AO ECO DO SUL: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)

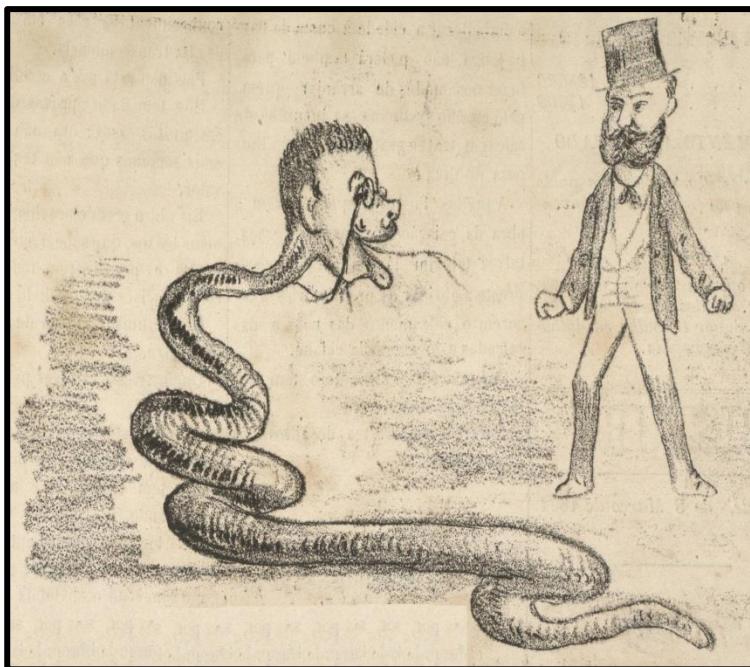
compreender que está entre maus lençóis e que a imprensa sempre presta para alguma coisa. Na continuidade do conjunto de caricaturas, Cezar levava o comendador “hirto à parede”, para depois continuar as ameaças, metamorfoseado como uma cobra, com toda qualificação negativa que trazia tal representação, e sendo comparado a uma “surucucu peçonhenta e terrível” (BISTURI, 8 mar. 1891).



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



O *BISTURI* E A OPOSIÇÃO AO *ECO DO SUL*: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)



O olhar negativo de Thadio Amorim sobre Cezar, por meio das páginas do *Bisturi*, tornava-se cada vez mais incisivo. O caricaturista passou a referir-se ao jornalista de forma recorrente como “o Chinês” (ou “o Chim”), buscando inculcar-lhe um apelido que trazia consigo alguma referência fisionômica, mas cujo principal intento era o pejorativo, tendo em vista a óptica preconceituosa lançada sobre os chineses na época, como pode ser observada na rejeição que recebeu um projeto que visava a substituir a mão-de-obra escrava por integrantes de tal nacionalidade, e que foi reproduzida por meio da imprensa. Nesse sentido, na criação caricatural, “o Chinês”, ou seja, J. J. Cezar, teria sido

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

internado em um hospício, após criticar um médico, motivado por inveja. No hospital ele teria perdido o “seu rabicho” e, ao conversar com uma enfermeira, teve de escutar quais os males que poderiam estar lhe afligindo. Depois ele elucubrava que a sua presença em tal local advinha de perseguições políticas, motivadas pela sua ação como redator, para depois chegar a fazer uma greve de fome e escutar da enfermeira que ele deveria ter paciência, vindo, ao final, a ter de compartilhar a estadia com outros frequentadores do manicômio. As legendas desse conjunto caricatural eram:

O Chinês do *Eco*, ao ler a nomeação do Dr. Almeida Pires para o cargo de Delegado da Higiene, teve um acesso de loucura, agredindo brutalmente aquele médico, que se viu obrigado a recolhê-lo num hospital...

Dizia o Chinês: – Ele com tantos cargos e eu sem nenhum, vou debicá-lo no meu “Cortes e recortes”.

Ali levado, apresentou-lhe o barbeiro do hospital com a sinistra intenção de lhe raspar o rabicho. O Chinês protestou contra esse abuso, mas não teve remédio...

– Ora diga-me madama, já lá vão uns poucos de dias que eu cá estou e parece-me que já devem saber que eu não estou doido!

– O Dr. já declarou que é difícil fazer-se um diagnóstico certo, porque o senhor apresenta dois gêneros de loucura, a furiosa e a hipocondria.

– Ora essa!...

– Isto é um desaforno, ou este médico não entende nada de loucura, ou ele está de mãos dadas com o *Pato!*...

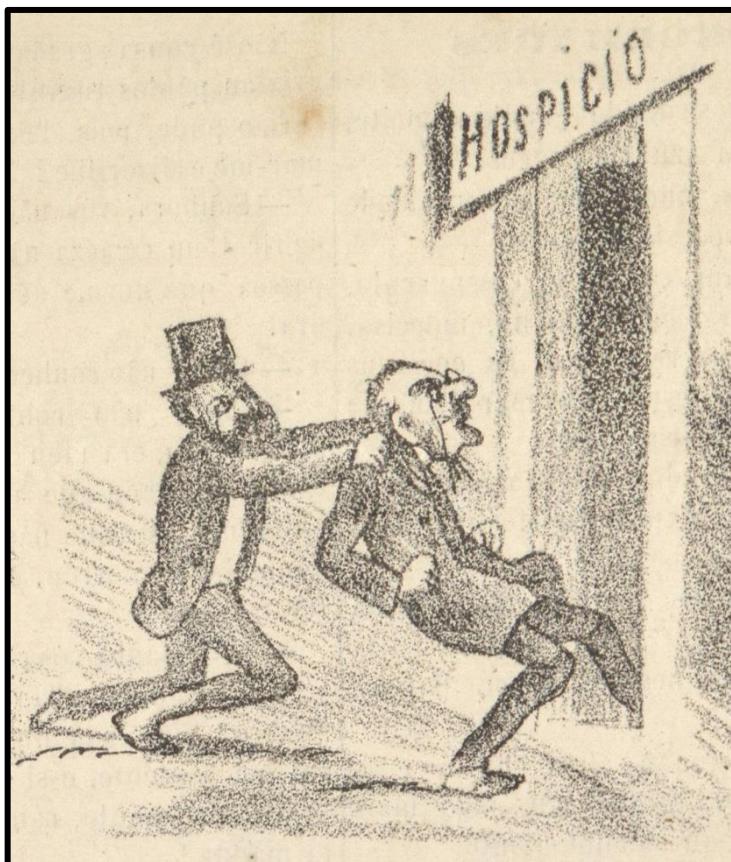
O BISTURI E A OPOSIÇÃO AO ECO DO SUL: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)

- Não quero mais comer, já que não querem restituir-me a liberdade, prefiro morrer de fome...

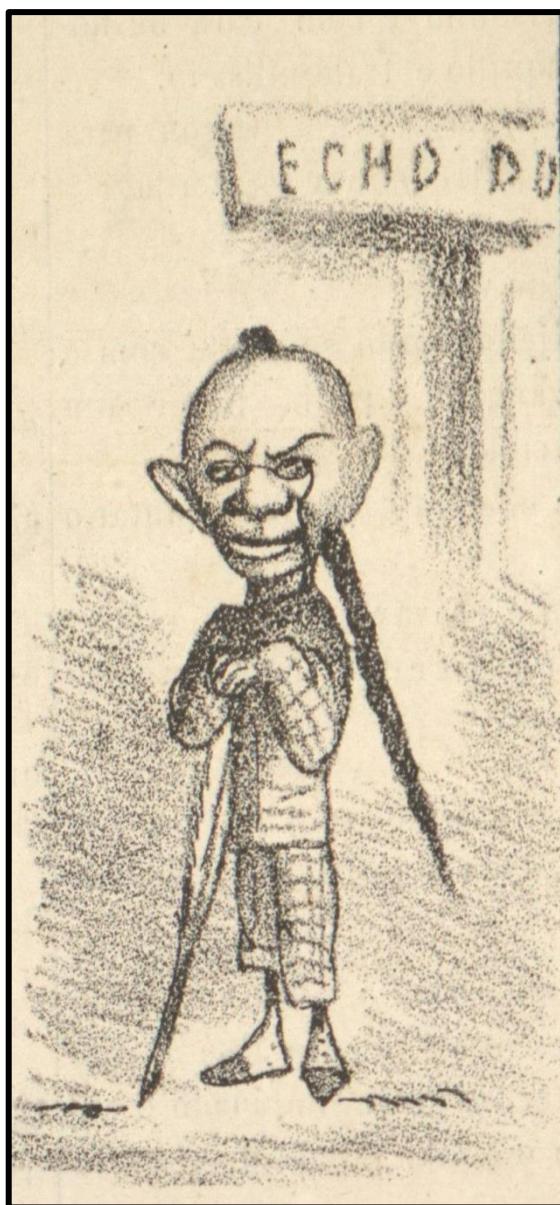
A enfermeira fê-lo resfriar nos seus intentos e escutar os seus conselhos.

- Sr. Chim, é preciso ter paciência...

E para distraí-lo do seu estado melancólico, deram-lhe por companheiro o Aguiarzinho e um outro hóspede do hospício. (BISTURI, 8 mar. 1891)



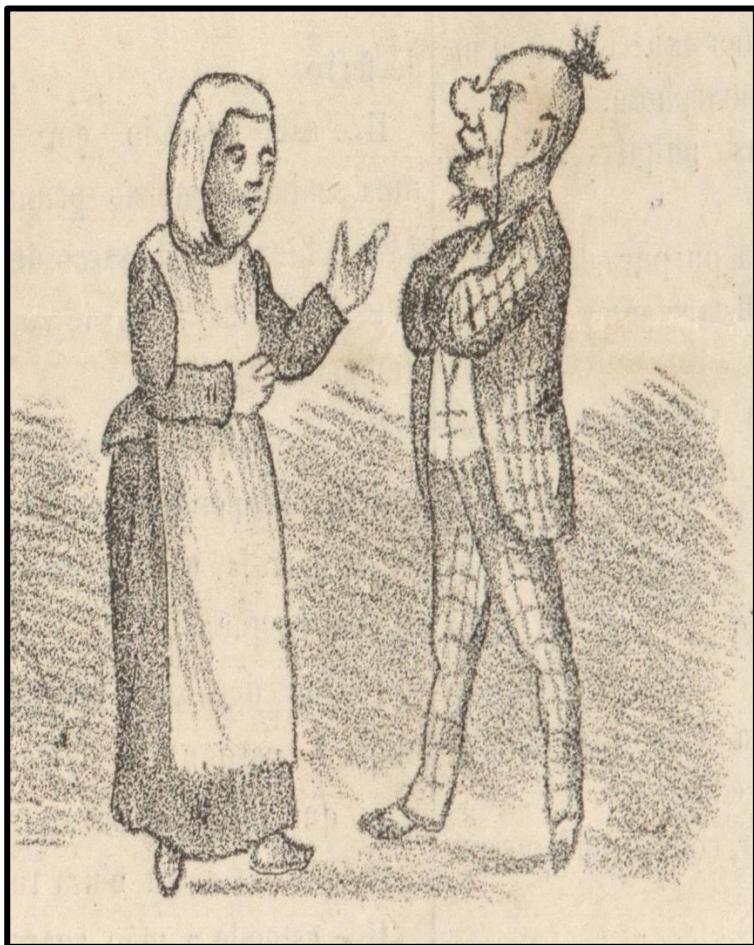
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



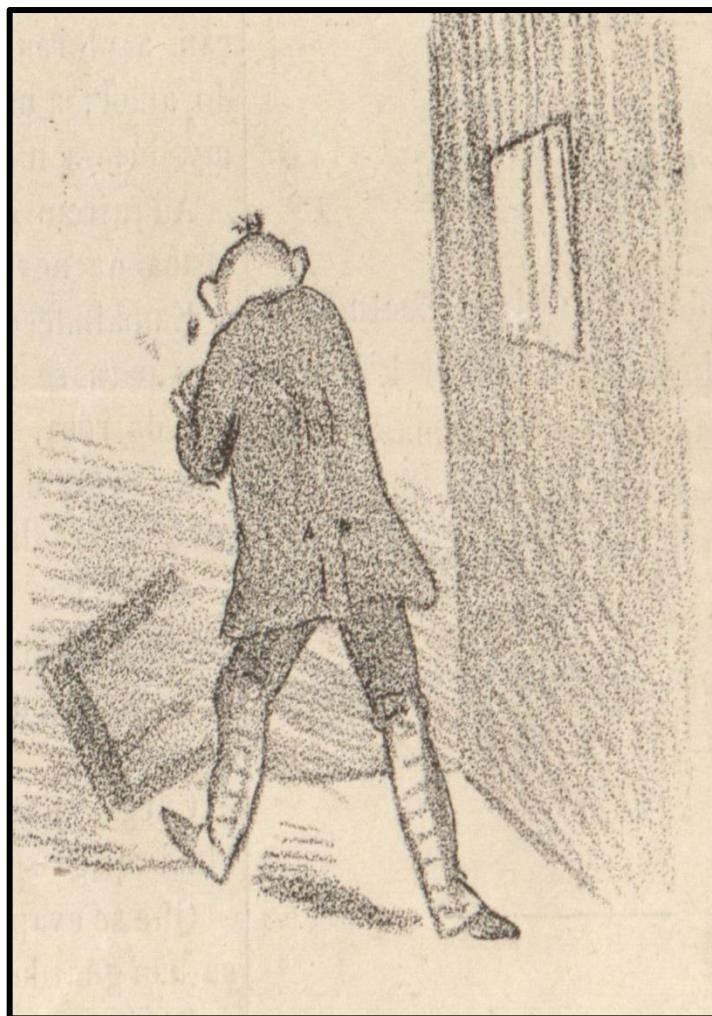
O BISTURI E A OPOSIÇÃO AO ECO DO SUL: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)



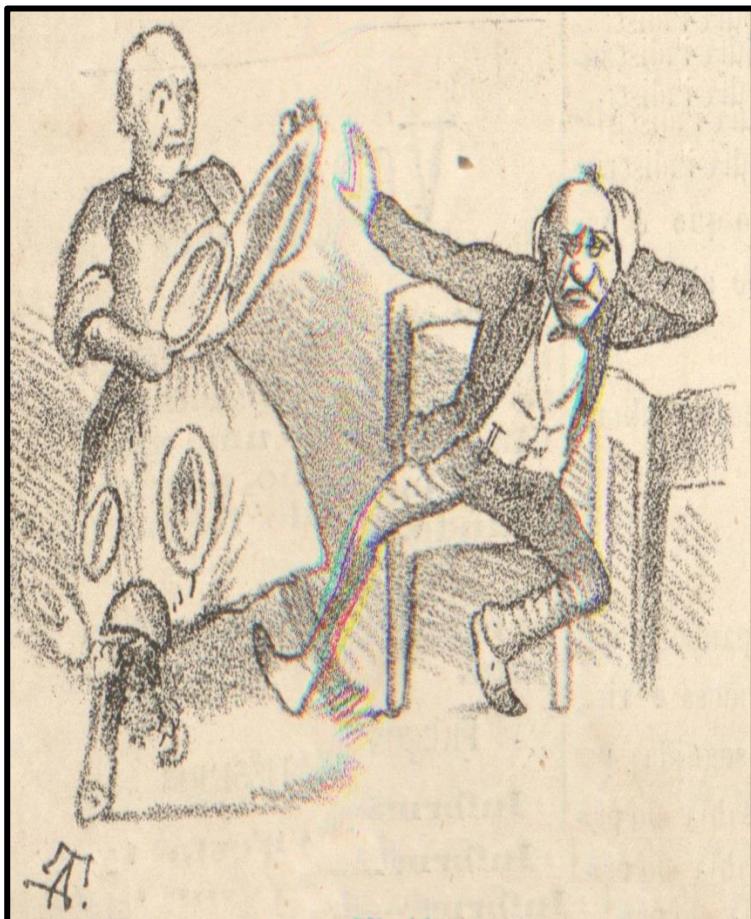
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



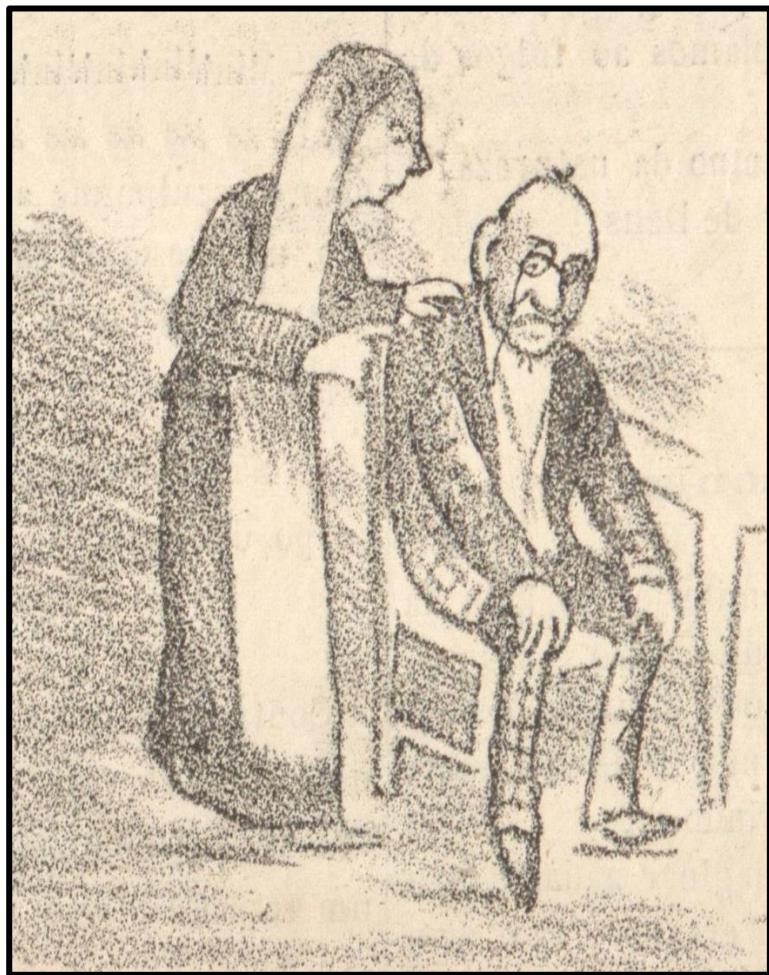
O BISTURI E A OPOSIÇÃO AO ECO DO SUL: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



O BISTURI E A OPOSIÇÃO AO ECO DO SUL: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)

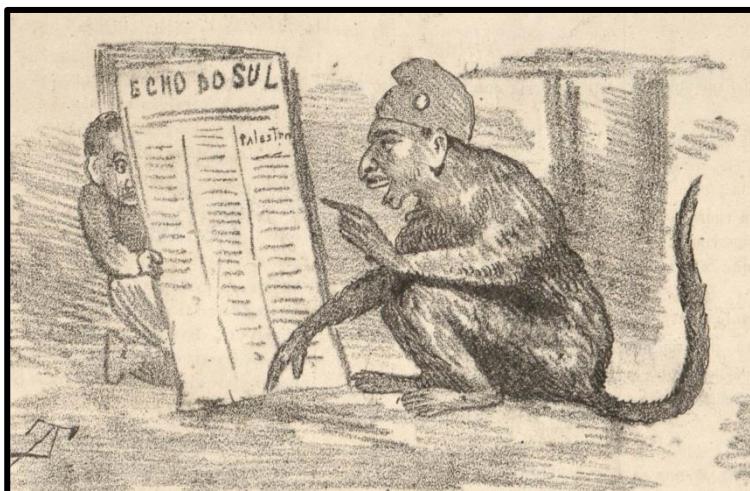
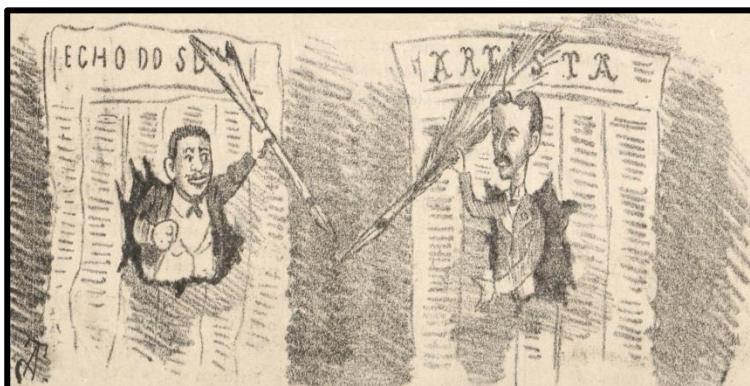




Em um outro conjunto de ilustrações cômicas que traziam alguns detalhes do cotidiano citadino, o *Bisturi* mostrava os redatores de dois dos jornais diários riograndinos, o *Eco do Sul* e o *Artista*, enfrentando-se mutuamente, utilizando-se de suas penas como armas de combate. Frente à cena, o semanário comentava: “Os nossos colegas do *Eco* e do *Artista* estão esgrimindo as suas finíssimas durindanas...”; vindo a complementar: “Queira Deus que a coisa não passe à descompostura desbragada das regateiras” (BISTURI, 17 maio, 1891). Em complementação, o hebdomadário mostrava J. J.

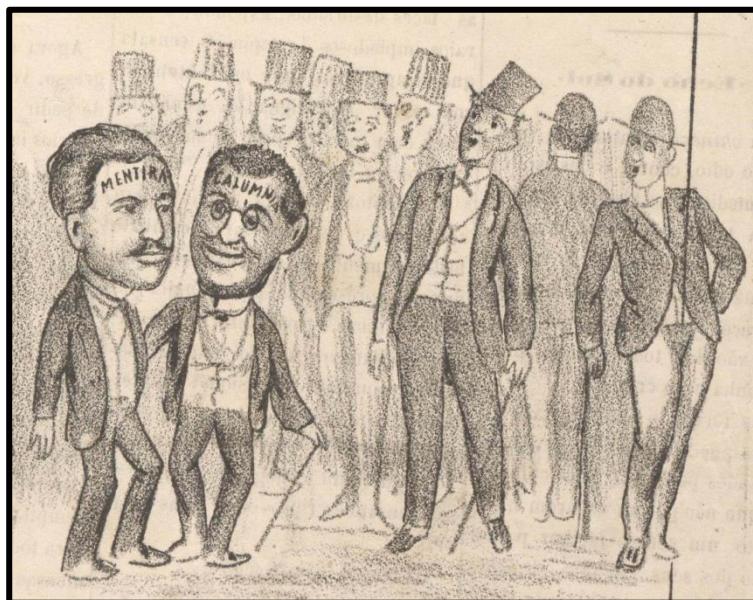
O BISTURI E A OPOSIÇÃO AO ECO DO SUL: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)

Cesar escondido atrás de um exemplar do *Eco do Sul* atacando o redator do *Artista*, metamorfoseado em macaco, para dar sentido ao dizer que se seguia: “O *Eco* continua manhosamente a provocar o colega *Artista*, mas ele, que é macaco velho, não mete a mão em cumbuca” (BISTURI, 31 maio 1891).

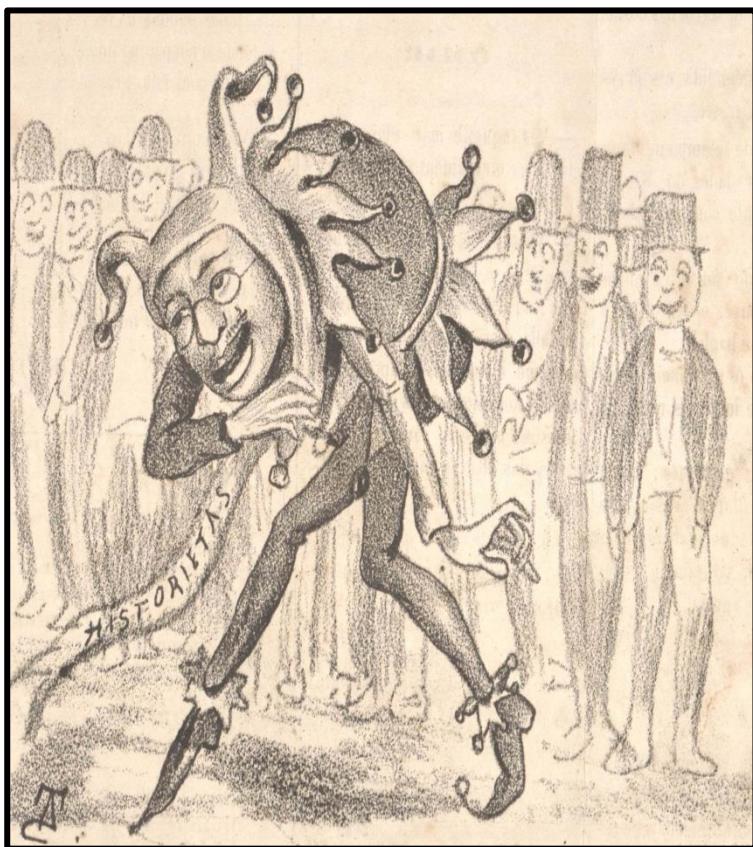


João José Cezar chegou a desempenhar um certo protagonismo às avessas nos conjuntos de ilustrações caricaturais do *Bisturi*. Foi o caso da presença do proprietário e redator do *Eco*, denominados de “patifes caluniadores”, que eram marcados pelo bobo da corte – designando o caricaturista – “com o ferrete da ignominia”, o primeiro tendo registrado na testa a “mentira” e o outro, a “calúnia”, tendo os mesmos de passar em meio à sociedade, de modo “o público honesto” pudesse reconhecê-los e dar-lhes “o merecido valor”. Cezar era travestido como um “arlequim da imprensa”, com a devida fantasia e a faixa que o identificava como o autor dos poemetas satíricos intitulados “Historietas”, havendo a conclamação para que seus escritos não fossem levados a sério, pois ele estaria a fazer o papel do histrião, apresentando “uma careta, um salto, uma cambalhota”, de maneira a divertir “a multidão ávida de escândalos”. Os responsáveis pelo *Eco do Sul* eram ainda comparados a vermes, bastando “o bico do pé para esmagá-los”, além do fato de serem “gerados no lodo e no lodo morrem”, sendo essa substância identificada com diversos males que afigiam o jornalismo, como “perversidades”, “mentiras”, “aleivosias”, “infâncias”, “baixezas”, “falsidades” e “calúnias” (BISTURI, 12 jul. 1891).

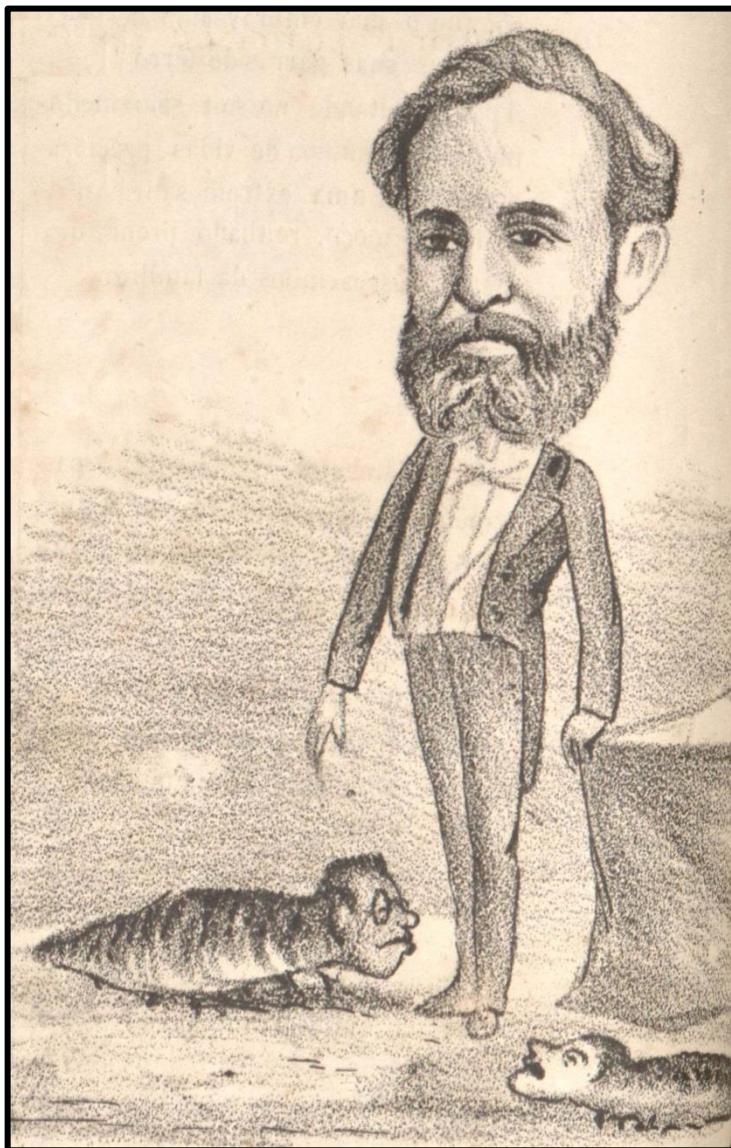
O BISTURI E A OPOSIÇÃO AO ECO DO SUL: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



O BISTURI E A OPOSIÇÃO AO ECO DO SUL: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)



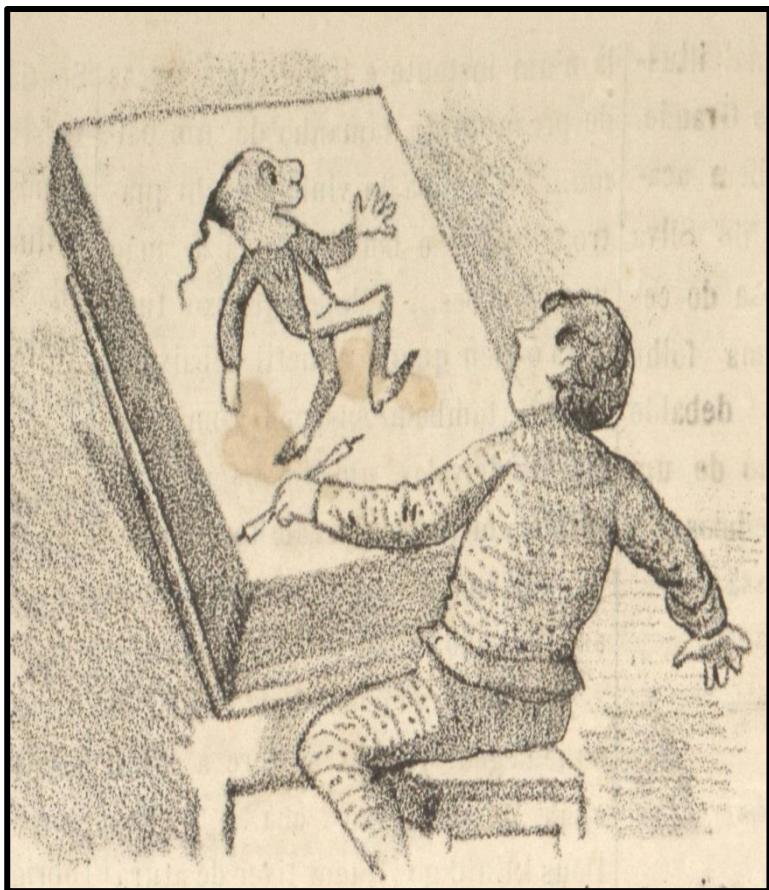


Representando o corpo redacional da folha ilustrada, o bobo da corte surgia na mesa de trabalho litográfica para empreender mais um número, levando em frente “a sua diabólica tarefa”, passando a desenhar “uma conhecida personagem chinesa”. Entretanto uma figura monstruosa que representava a epidemia da influenza exigia que ele largasse o “chim” e lhe acompanhasse, vindo a designação do caricaturista a perder a luta para a imagem simbólica da doença, tendo que promover o acompanhamento das notícias sobre a mesma. O bobo chegou a se esforçar para levar o “chim” junto com ele, mas não conseguindo, teve de abandoná-la na bancada de desenho. Mas “o maldito ‘chim’ não pode conter-se e mal se viu em liberdade”, com o convite

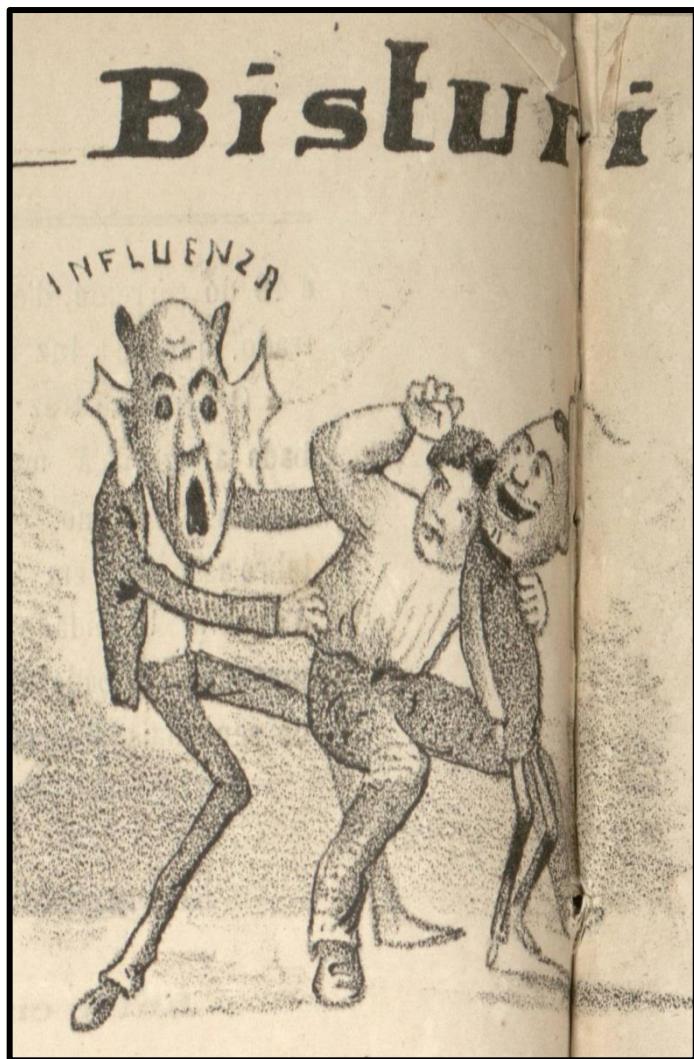
O BISTURI E A OPOSIÇÃO AO ECO DO SUL: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)

de seu patrão, denominado de “arranca botões, começou as suas arlequinadas de praça”, apresentando-se em um picadeiro, equilibrando mais uma “denúncia” no nariz. Em seguida, o “chinês” passava a fazer acrobacias com bolas, identificadas com elementos que seriam comuns às práticas de escrita do redator, ou seja, “boatos”, “calúnias”, “infâmias”, “injúrias” e “denúncias”. Na continuidade, o desenhista repetia a perspectiva preconceituosa no Brasil a respeito dos chineses, referindo-se ao fato de que “a lavoura morre mirrada por falta de braços para tratá-la”, colocando os promotores do *Eco* como possíveis candidatos a tais posições, alegando que “seria mais útil que o ‘chim’ deixasse a pena que desonra, para empunhar a pá ou o arado”. A visão eivada de preconceito permanecia, com a afirmação de que “é verdade que dizem que os ‘chins’ são de índole preguiçosa e que mais se inclinam a assaltarem os galinheiros”. O “Chinês”/Cesar era também caricaturado com uma cabeça enormemente desmesurada, da qual corria fel na escritura das colunas do jornal, sendo a mesma ser “estudada e desinfetada”, além de ser necessário realizar o seu registro fotográfico, que dificilmente resultaria em “uma cópia fiel”, já que o personagem estaria “com o frontal muito arruinado” (BISTURI, 26 jul. 1891).

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



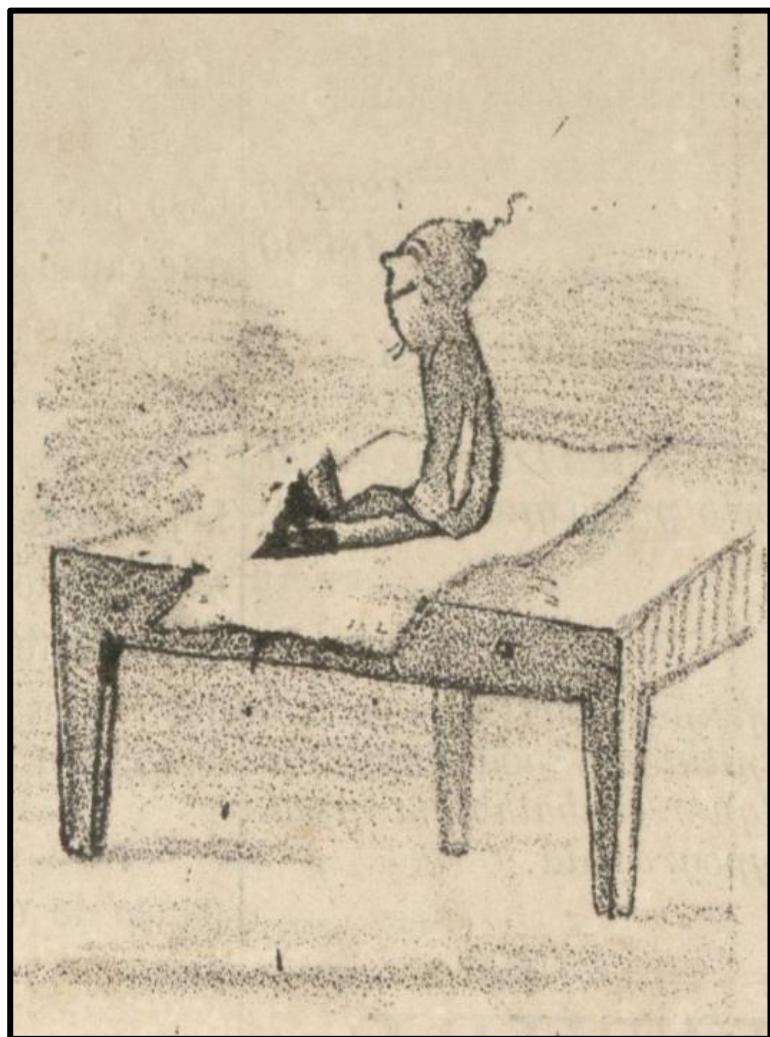
O BISTURI E A OPOSIÇÃO AO ECO DO SUL: EMBATES NA
IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)



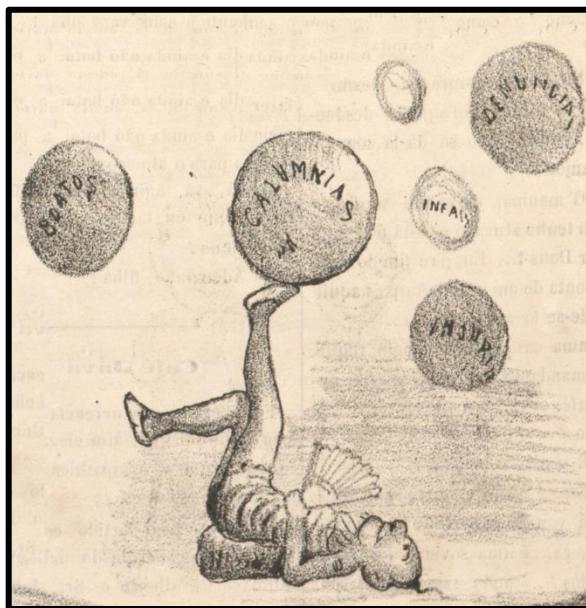
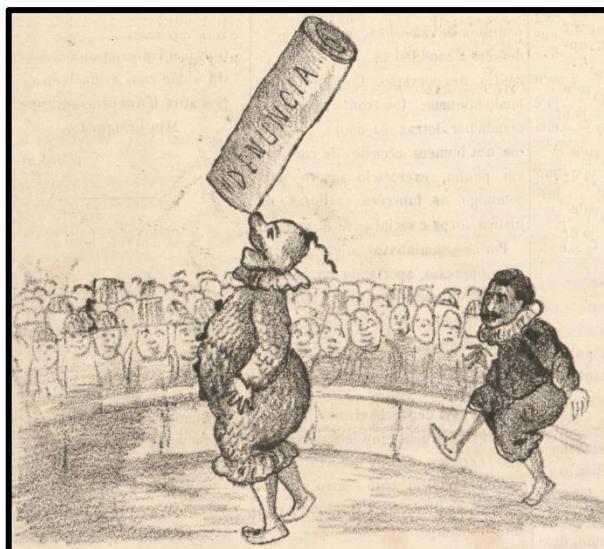
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



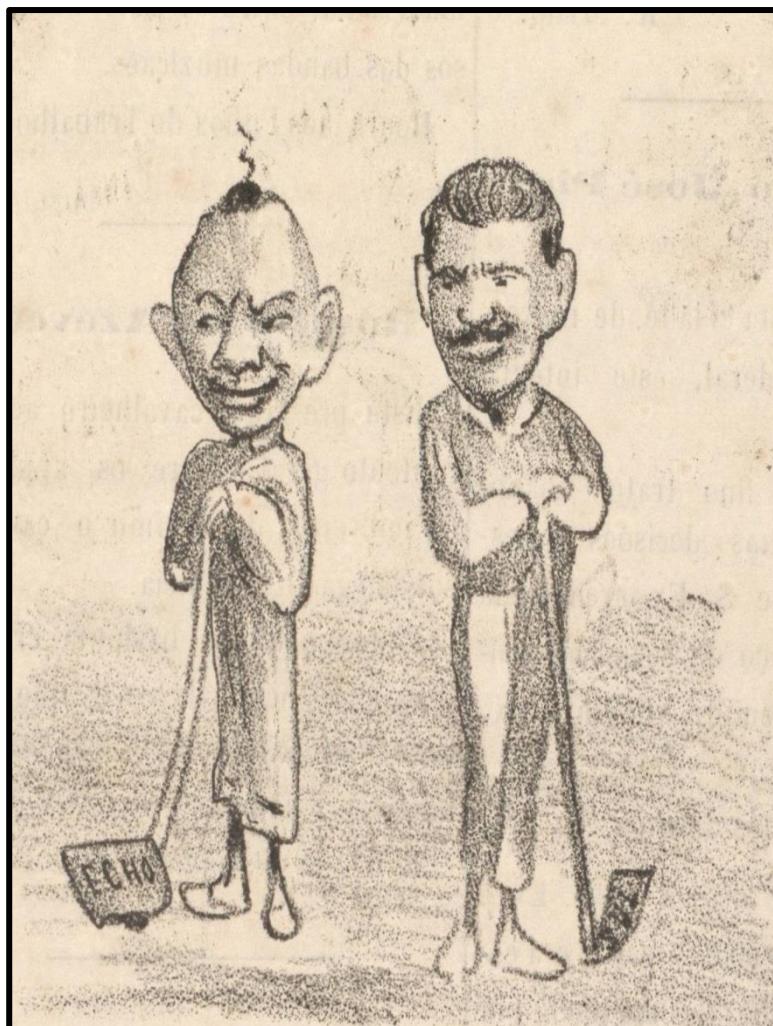
O BISTURI E A OPOSIÇÃO AO ECO DO SUL: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)



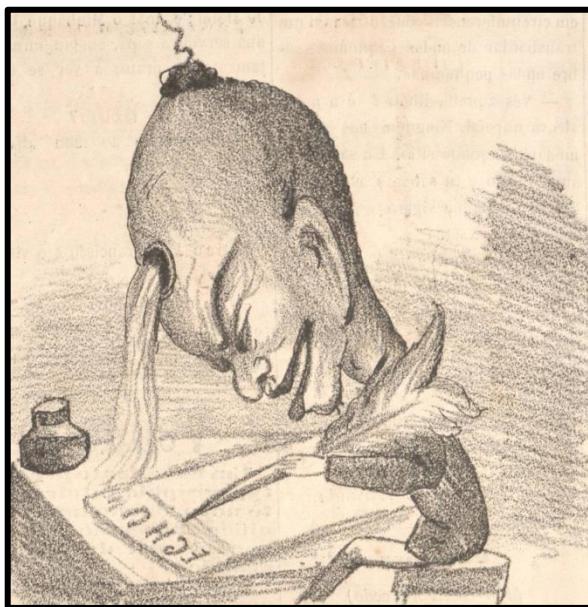
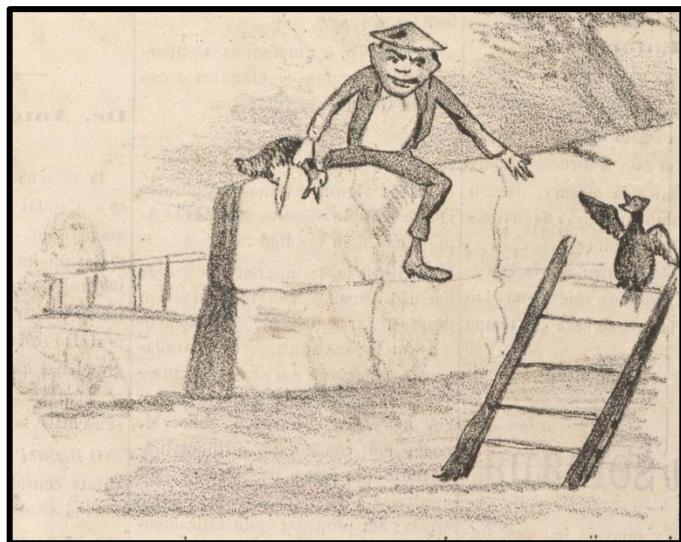
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



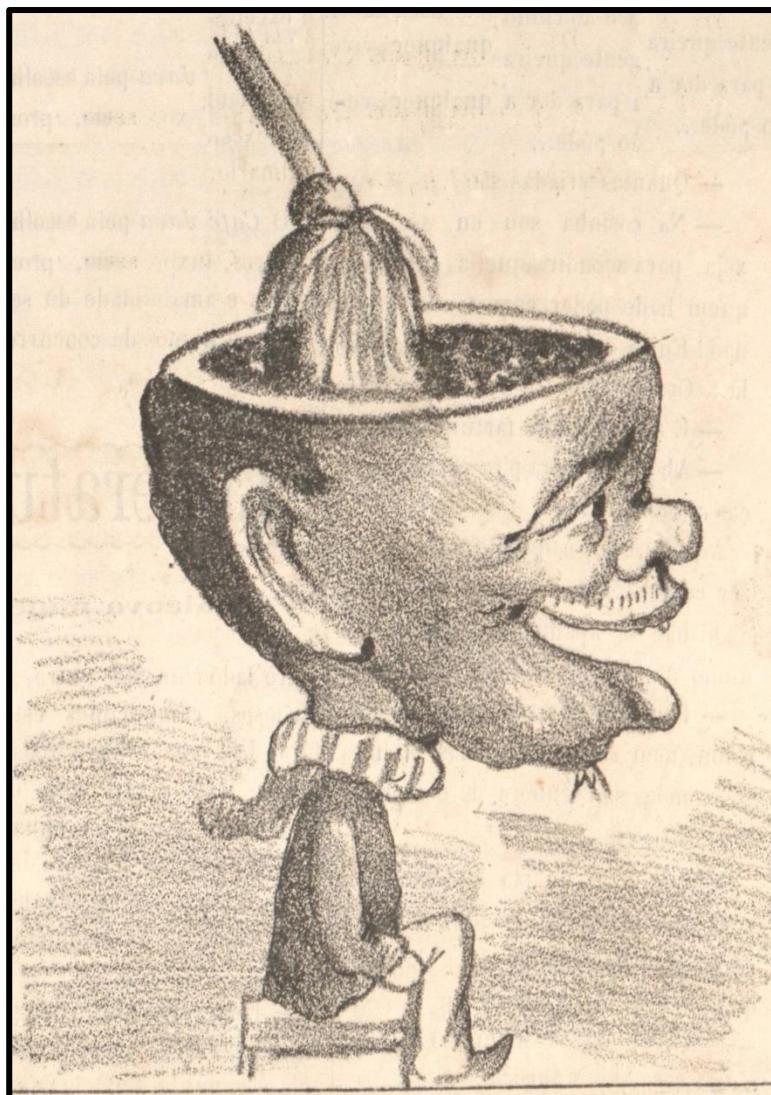
O BISTURI E A OPOSIÇÃO AO ECO DO SUL: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)

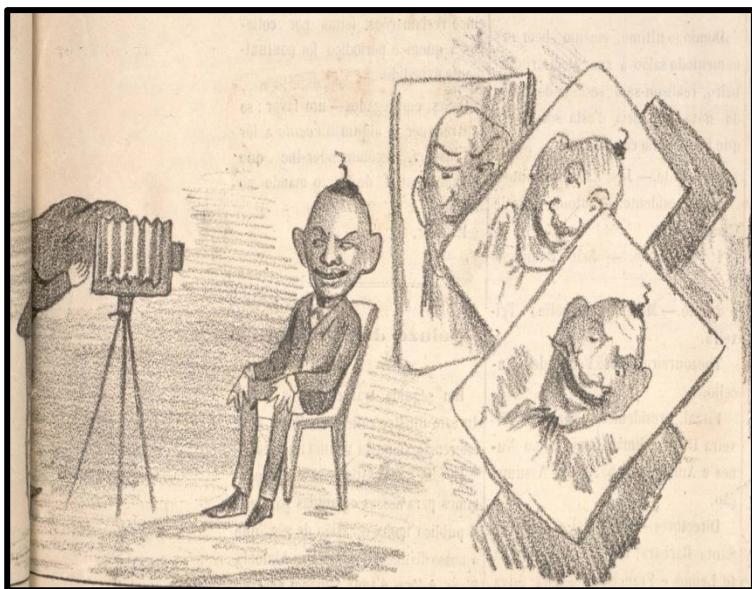


FRANCISCO DAS NEVES ALVES



O BISTURI E A OPOSIÇÃO AO ECO DO SUL: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)





Em mais uma edição, Thadio Amorim dizia não estar disposto a falar do “Chinês”, mas diante de uma definição elaborada por um naturalista a respeito de tal fera, o “chim” era apresentado como um ser que adquiria uma ação monstruosa:

Nada, sem mais aquela, zás, no olho da rua o Chinês, não queremos enfastiar os leitores, apesar dos muitos pedidos.

Sim, deixá-lo, já um naturalista classificou a fera da seguinte maneira: Do gênero dos vilões, família dos bípedes, ordem dos carnívoros, classe dos mamíferos, ramificação dos gorilas...

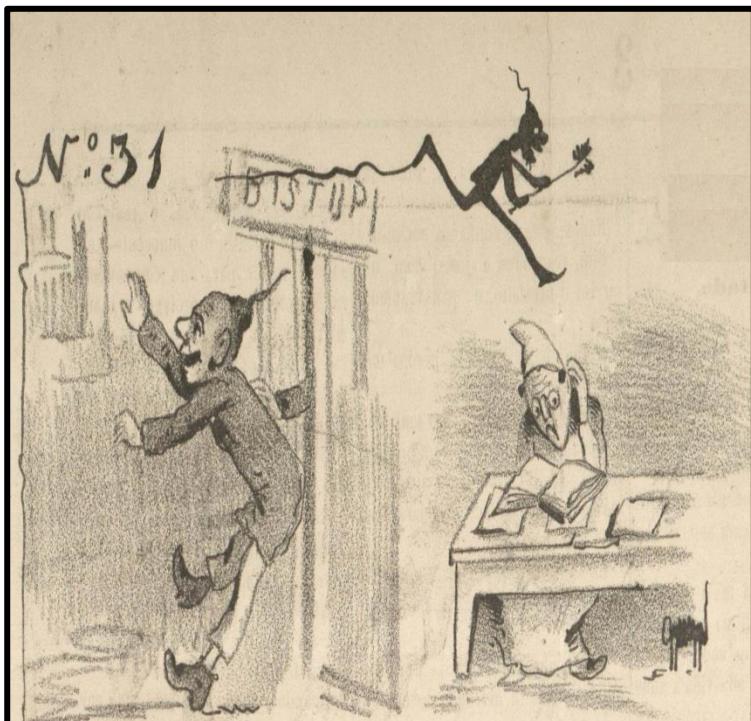
Sim, deixá-lo, a fera anda brava com o rabicho alçado, não deixa a companheira, atacando a tudo e a todos...

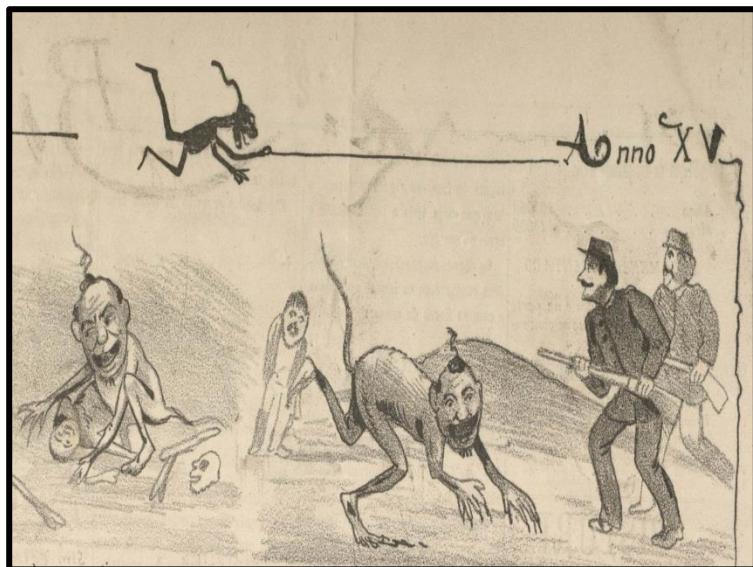
O BISTURI E A OPOSIÇÃO AO ECO DO SUL: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)

Quando o vilão tem fome, ataca o gado com furor...

Mas ordinariamente come gente!... Fujamos do monstro!...

Espera-se que o nojento vilão, não escape de ser apanhado pela justiça. (Um inglês ofereceu 500 mil libras pela pele do monstro!) A fera já está morta, moralmente morta! (BISTURI, 2 ago. 1891)



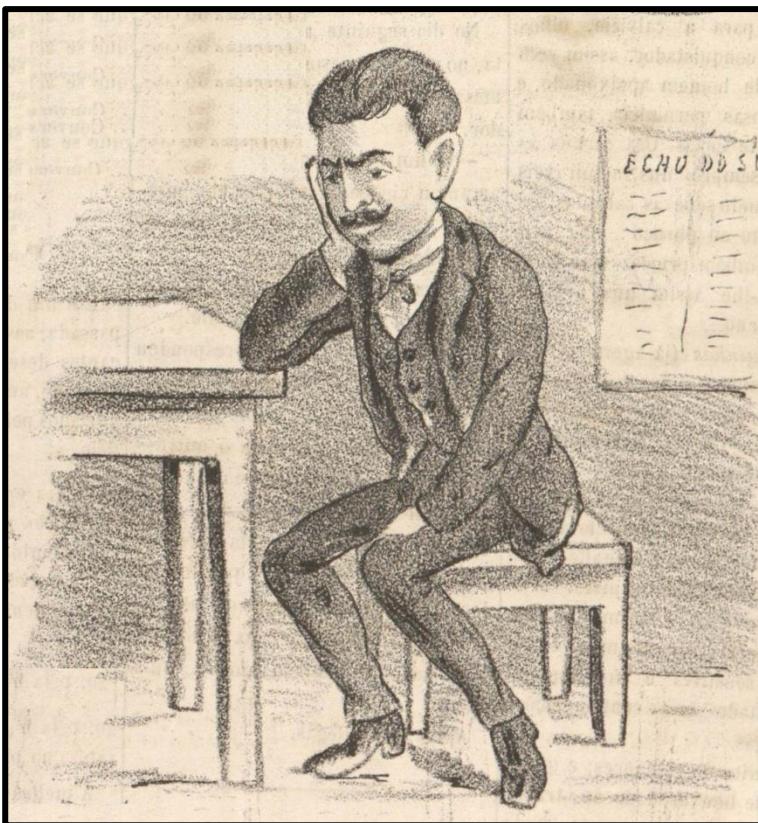


O BISTURI E A OPOSIÇÃO AO ECO DO SUL: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)

J. J. Cezar chegou a ser caricaturado como um burro, havendo até a pretensão de promover a sua aquisição, para compor uma “coleção de bestas”. Diante disso o proprietário do *Eco do Sul* encontrava-se pensativo no escritório do jornal, refletindo sobre a necessidade de “um meio de arranjar dinheiro”, projeto que seria prejudicado pelo “Chinês”, que estaria “comprometendo os interesses e a moralidade” da sua folha, sendo preciso adotar medidas urgentes para contornar tal situação, mesmo que, para tanto, segundo o periódico humorístico, tivesse de buscar recursos não necessariamente obtidos honestamente (BISTURI, 9 ago. 1891).



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



Com a manutenção das atenções sobre o Cesar/"Chinês", o *Bisturi* apresentou um poema denominado "Sombra chinesa":

Aquela cara é da *china*. Eu sonho às vezes
com monstros rapinantes, porque a vi,
e não me sai da ideia até por meses...
e vejo-a... vejo-a sempre... aqui... ali!...

Eu fujo de a lembrar, leitor, mas nunca

O BISTURI E A OPOSIÇÃO AO ECO DO SUL: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)

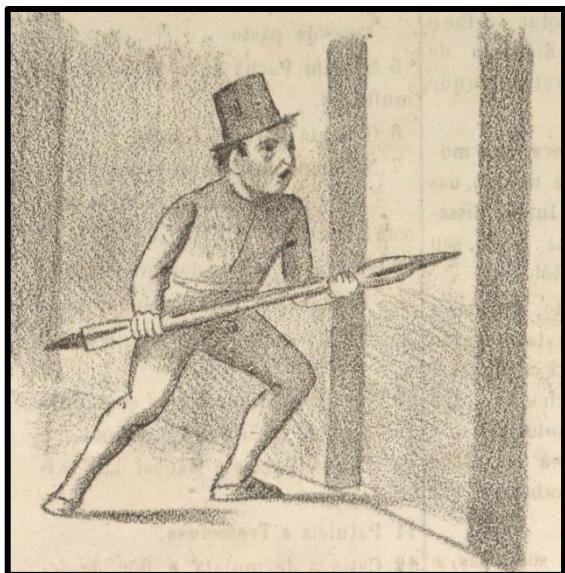
deixou de andar comigo este senhor!
ou seja numa igreja, ou espelunca...
lá a imagem dele! Horror! horror!

Às vezes se adormeço, salto e pulo,
sonhando que me empurra e caio ao rio!
se acordo, vejo-o em tudo e mal engulo
julgando o rosto dele o meu bacio!

Não há um só meio de eu evitá-lo,
pois ele é tudo em tudo, o tal freguês!
até se ouço rinchar qualquer cavalo...
eu julgo ouvir a voz do tal chinês! (BISTURI, 9 ago. 1891)

Outro agrupamento caricatural publicado pelo *Bisturi* trazia na abertura o bobo da corte, com seu crayon em punho, pronto para combater “os ladrões da honra e da propriedade”, e bradando: “Fora os *chins!* Fora os larápios!...”. Segundo o personagem, as autoridades públicas municipais haviam agido bem “procurando terminar com o bando de cães vadios e danados que infestam as ruas da cidade”. Frente ao anunciado, o periódico transformava J. J. Cesar em um cão feroz, à frente do escritório do *Eco do Sul*, preso à coleira pelo proprietário do diário, dizendo que a nova regra também deveria aplicar-se aquele tipo de cachorro. Em seguida era mostrada uma reunião de animais, incluindo diversos burros, um bovino e o cão/”Chinês”, que estariam a preparar uma petição protestando contra a decisão do poder público. O responsável por entregar o documento foi Cesar, agora metamorfoseado em um burro de longuíssimas orelhas. Na próxima cena, o redator do *Eco* era colocado puxando um bonde, uma

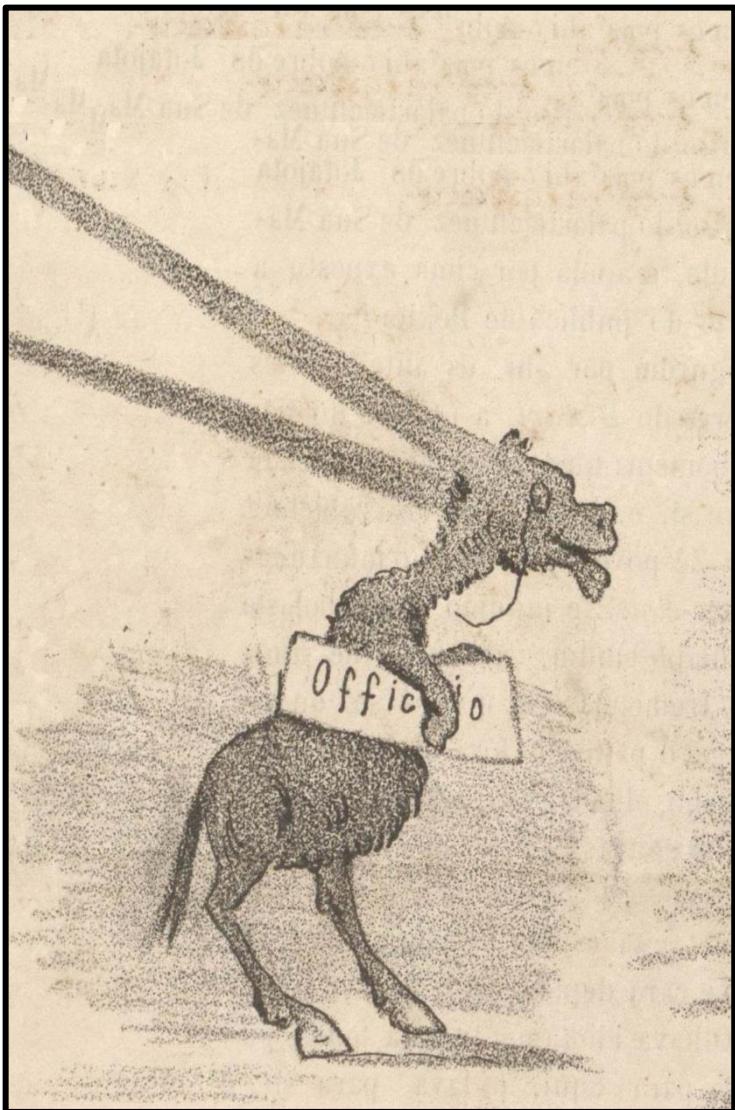
vez que uma das decisões daquela reunião de animais estava vinculada à substituição das mulas nos bondes e carretas “por homens chineses”. Os animais voltavam a reunir-se, com a presença do dono do *Eco do Sul* e de J. J., agora mantendo apenas as orelhas de burro, “para tratarem de assuntos a melhorar a sorte desta classe”. Ficava expresso mais um pleito daquele segmento, exigindo a extinção das focinheiras, uma vez que as mesmas seriam “um atentado à liberdade a que todos têm direito”. Ao final, aparecia novamente o animal quadrúpede carregado de papeis e livros, especificando que a assembleia entre os animais também decidira pela eleição de “um deputado da sua espécie para advogar os interesses dos seus”, indicando que “já está indigitado para o cargo um distinto jumento chinês” (BISTURI, 23 ago. 1891).



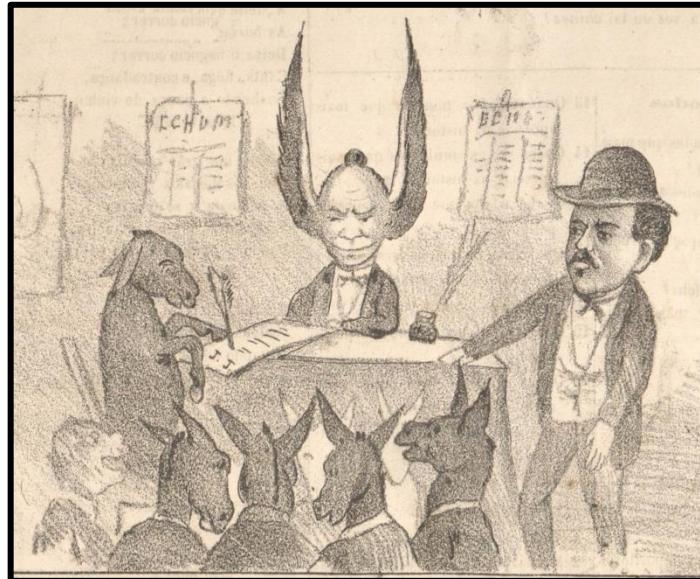
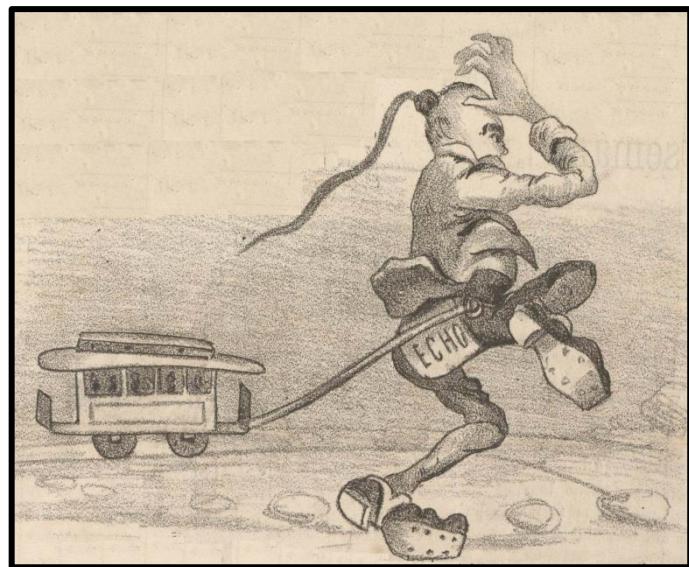
O BISTURI E A OPOSIÇÃO AO ECO DO SUL: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)



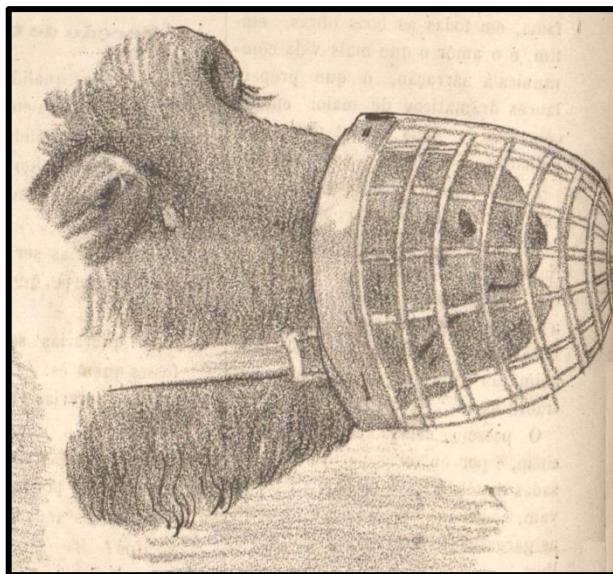
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



O BISTURI E A OPOSIÇÃO AO ECO DO SUL: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



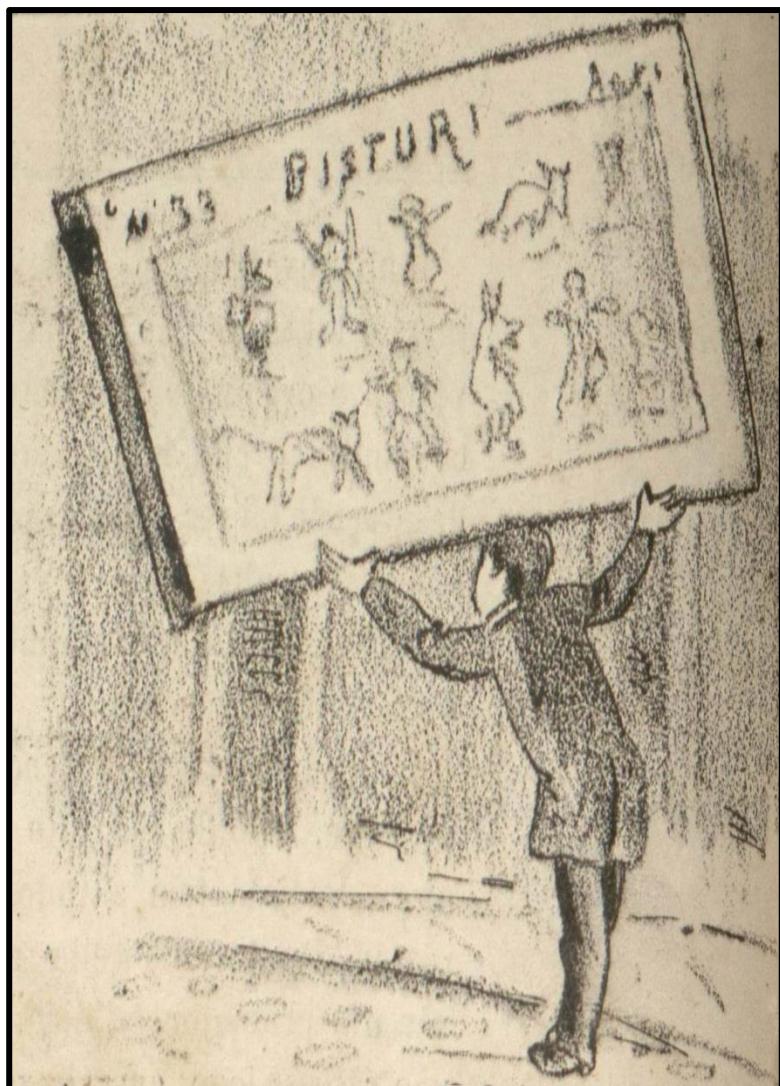
O *BISTURI* E A OPOSIÇÃO AO *ECO DO SUL*: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)

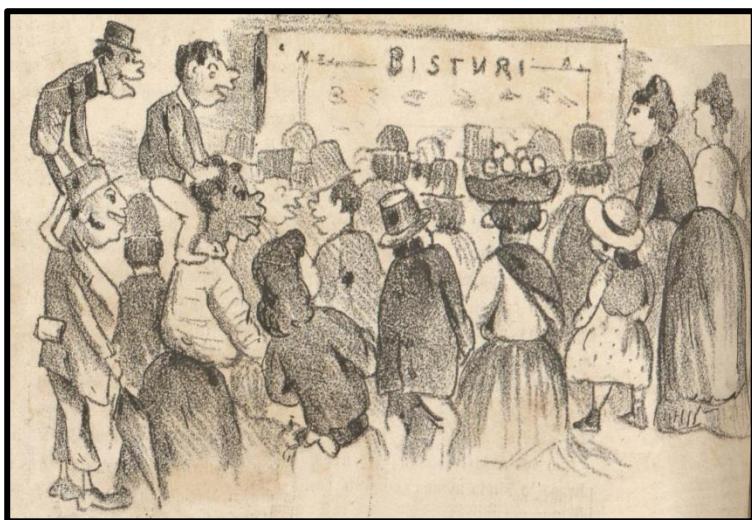
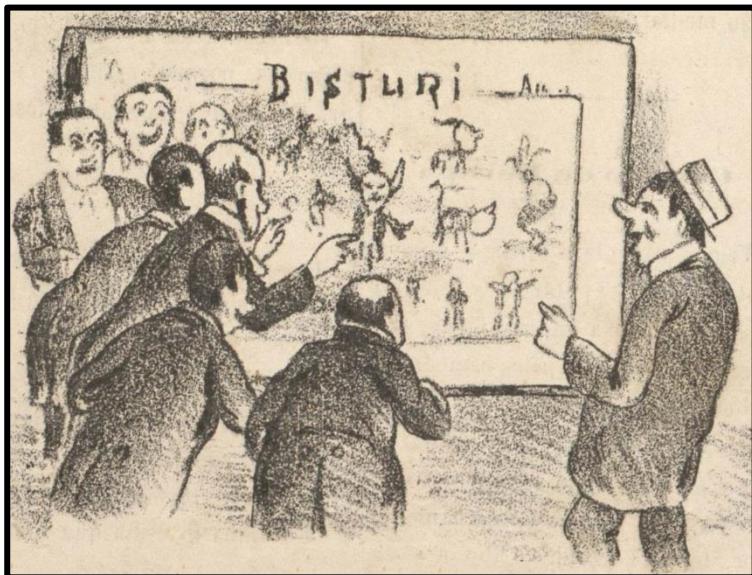
O “Chinês” com orelhas de burro voltava a participar de outro conjunto caricatural do semanário humorístico rio-grandino, dessa vez com um ar ébrio, dizendo que apreciava uma “boa caninha”, na busca por desvalorizar as opiniões do redator do *Eco*, ao acusar-lhe de bêbado. Em seguida o periódico anunciava a novidade de colocar uma tabuleta com um exemplar do *Bisturi* à frente do escritório da redação. O hebdomadário intentava demonstrar o grande afluxo de público para apreciar o conteúdo da tabuleta. Com o aumento do número de visitantes, a folha descreveu a presença de uma “enorme massa de povo, de todas as classes”, que se “aglomerou na porta, disputando um lugar perto à tabuleta para melhor apreciarem as ilustrações entre um coro de risadas gostosas e ditos picantes”. Segundo o periódico caricato, todos conseguiam identificar J. J. Cezar nos desenhos, afirmando: “É ele! Olha o rabicho! As orelhas do ‘Chinês’”. E complementava sobre a aglomeração, dizendo que “houve ocasiões que o trânsito tornou-se impossível”. Também mostrava um clérigo que observara as ilustrações, constatando a folha que “um padre que passava, vendo o ‘Chinês’ metamorfoseado em jumento, brada colérico – vade-retro!”. Ainda contava sobre a reação do proprietário do *Eco*, que teria dito: “Pintarem o meu redator com orelhas de burro!... Será mesmo assim?...”. Ao final aparecia o “Chinês” enfurecido que, não resistindo às críticas, devorava o bobo da corte (*BISTURI*, 30 ago. 1891).

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

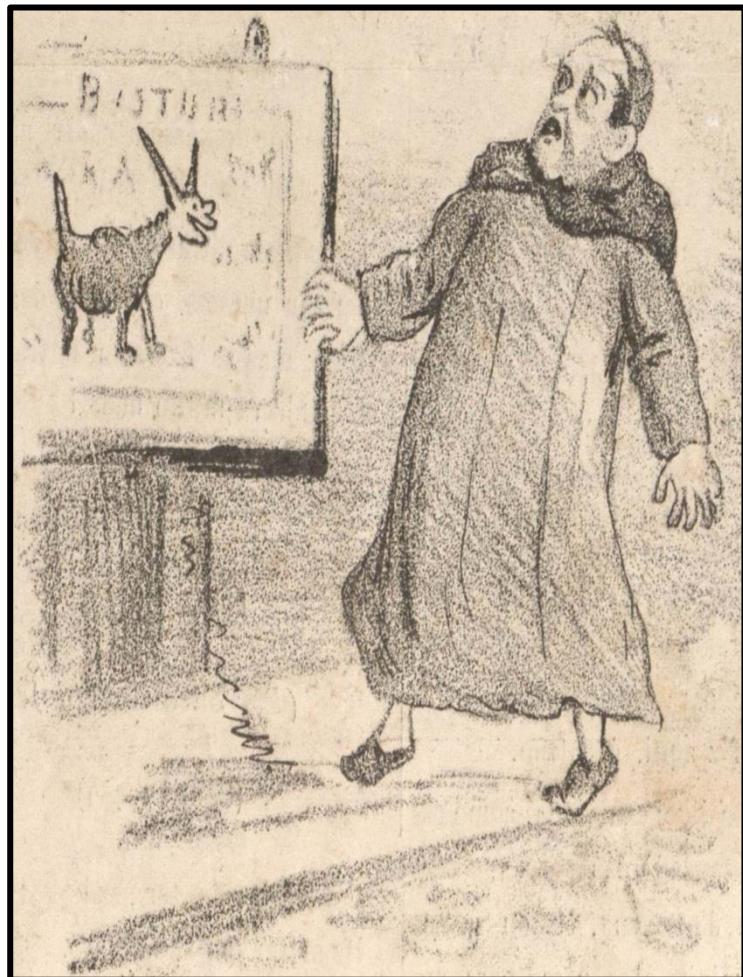


O BISTURI E A OPOSIÇÃO AO ECO DO SUL: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)

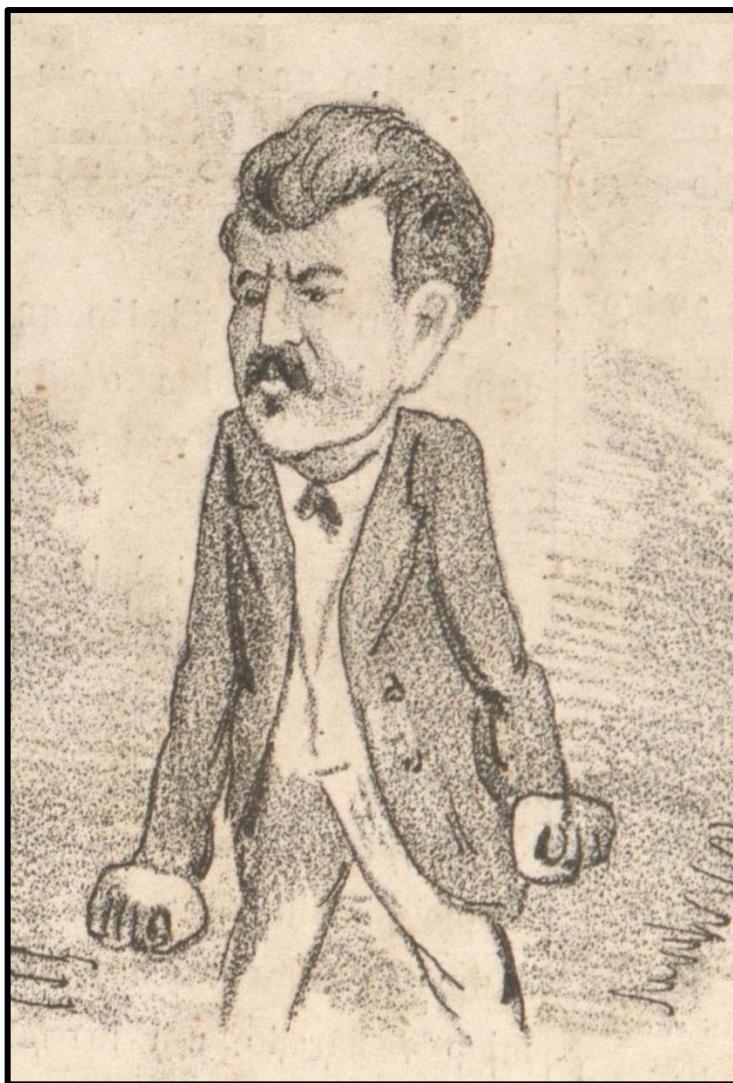




O BISTURI E A OPOSIÇÃO AO ECO DO SUL: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)



FRANCISCO DAS NEVES ALVES

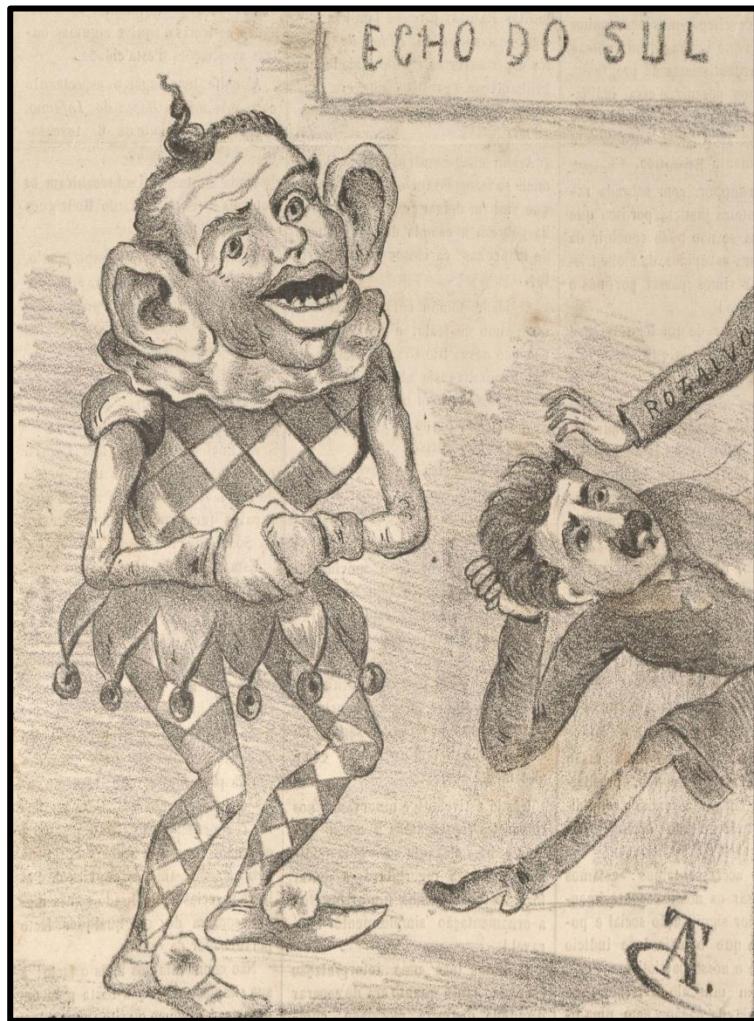


O BISTURI E A OPOSIÇÃO AO ECO DO SUL: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)

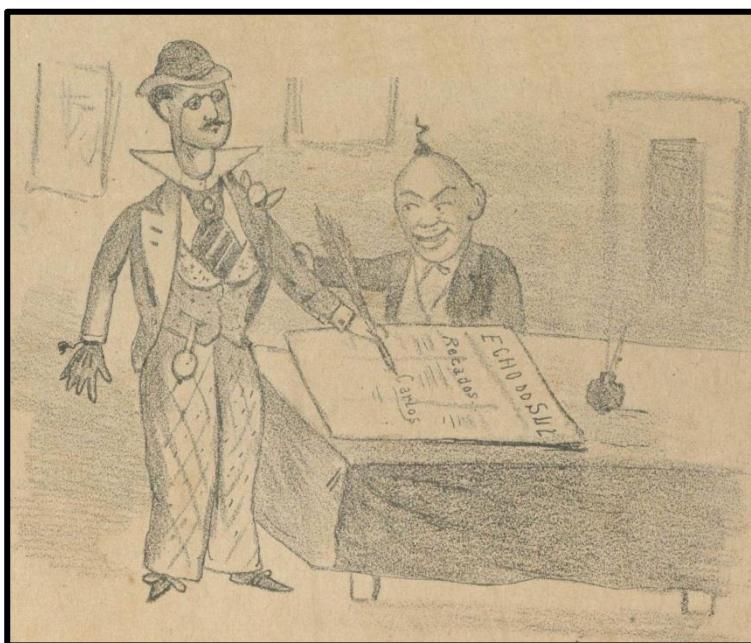


Mais uma vez travestido de arlequim, J. J. Cezar, por causa das palavras expressas em suas colunas, aparecia como responsável por agressão sofrida pelo proprietário do *Eco do Sul*. De acordo com o *Bisturi*, o personagem estaria afirmando: “Por causa da minha ‘arlequinada’, pobre patrão, chupou tremenda bofetada!!!” (BISTURI, 13 set. 1891). O redator do *Eco* voltava a aparecer caracterizado como o “Chinês”, mas identificado pelo pseudônimo “*Cantu-Mirim*”, portando armas e vociferando “intrigas”, “infâmias” “calúnias”, “pilhérias”, “torpezas” e “mentiras”, ao escrever mais uma página do diário que redigia, frente ao seu empregador, pronto a pagar-lhe por seus escritos. Cezar era acusado também de contratar para o corpo redacional do *Eco do Sul*, “pasquineiros descarados, que afrontam a moral, fazendo da redação uma espelunca”, os quais se prestavam a escrever “covardes agressões”, mediante pagamentos pífios, até que, se tornando desnecessários, eram sumariamente demitidos. Finalmente, o “Chinês” era apresentado como um verme, observado pelo bobo da corte, que dizia ter visto “a enorme e repelente ‘solitária’”, expelida recentemente por um morador da cidade (BISTURI, 11 out. 1891).

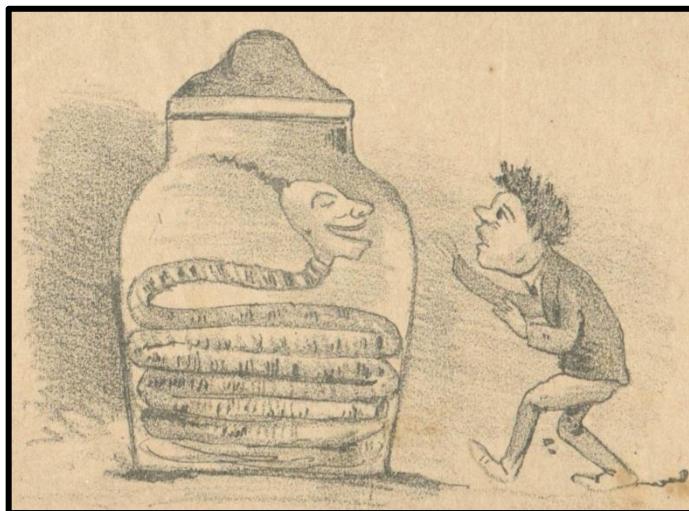
O BISTURI E A OPOSIÇÃO AO ECO DO SUL: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)



FRANCISCO DAS NEVES ALVES

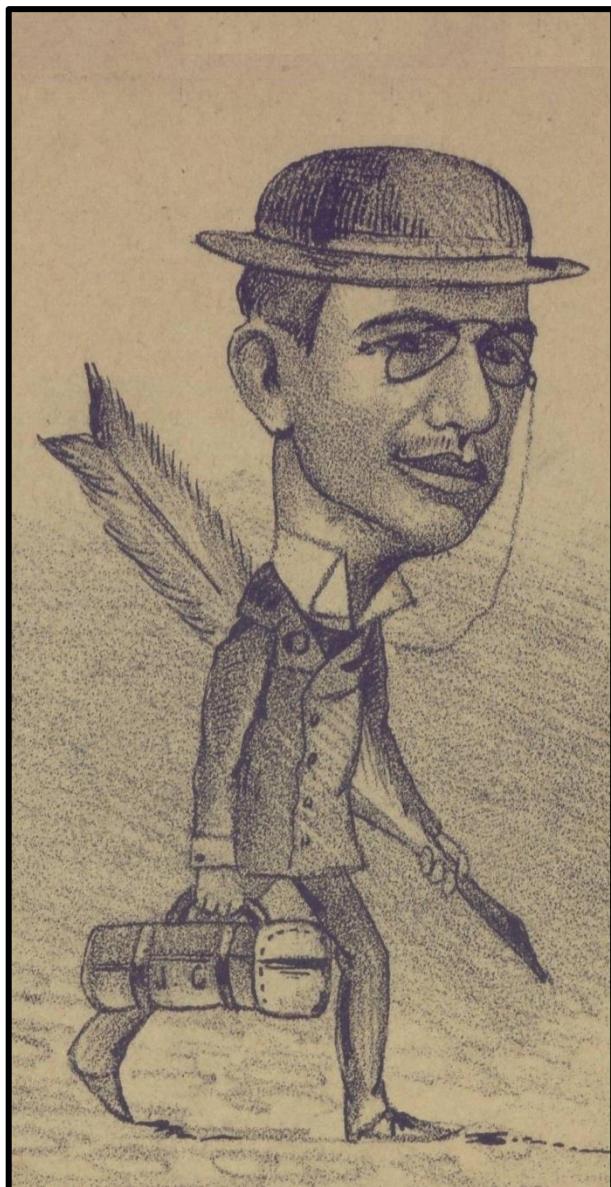


O BISTURI E A OPOSIÇÃO AO ECO DO SUL: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)



Passados os episódios da Revolução de 8 de Novembro, que levaram às quedas de Júlio de Castilhos e de Deodoro da Fonseca, com a ascensão do governo de oposição no Rio Grande do Sul, o *Bisturi* voltava a tratar de João José Cezar, no caso retratando o seu retorno à cidade do Rio Grande, agora ocupando um cargo no judiciário. Levando a pena sob o braço e uma pequena maleta, era anunciado que “está de volta de sua viagem à capital federal o nosso muito simpático e prezadíssimo colega”, vindo o mesmo a ser calorosamente abraçado pelo bobo da corte, cheio de “satisfação”, pois estava “estrebuchando de saudades” (BISTURI, 21 fev. 1892). Mas o semanário ilustrado-humorístico não perderia a oportunidade de continuar gracejando contra o redator do *Eco*, voltando a caricaturá-lo como o “Chinês”, que perguntava a um passante se lhe reconhecia, obtendo por resposta: “Se bem conheço! Esconde o rabicho ‘chim’ do diabo!...” (BISTURI, 28 fev. 1892). O personagem era retratado ainda com as vestes e os símbolos de sua posição no judiciário, mas demarcada a constatação de que se tratava de “um juiz de rabicho”. Era apontada também a possibilidade do jornalista/juiz utilizar-se de sua nova função para promover perseguições, de modo que “muita gente está pondo as barbas de molho”, pois “ódio ‘chinês’ é ódio implacável!... cuidado com o ‘chim’ está na pontíssima”. Mas o *Bisturi* dizia que não tinha temores, chegando a mostrar o bobo da corte a “arrancar-lhe o rabicho” (BISTURI, 20 mar. 1892).

O BISTURI E A OPOSIÇÃO AO ECO DO SUL: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)



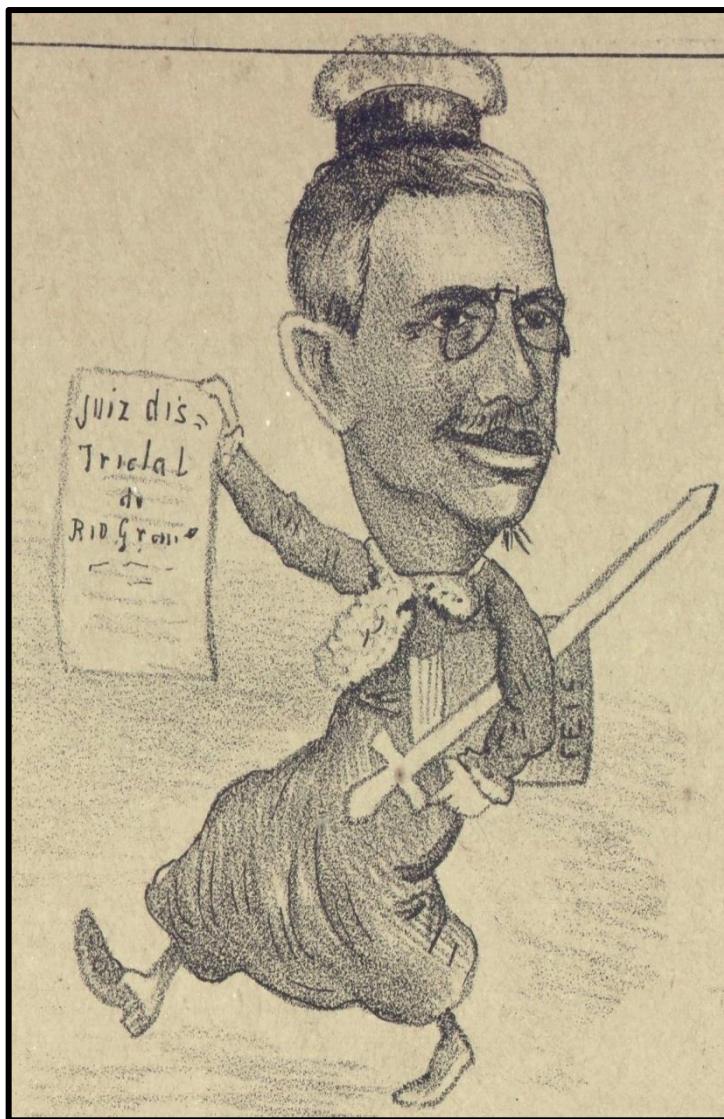
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



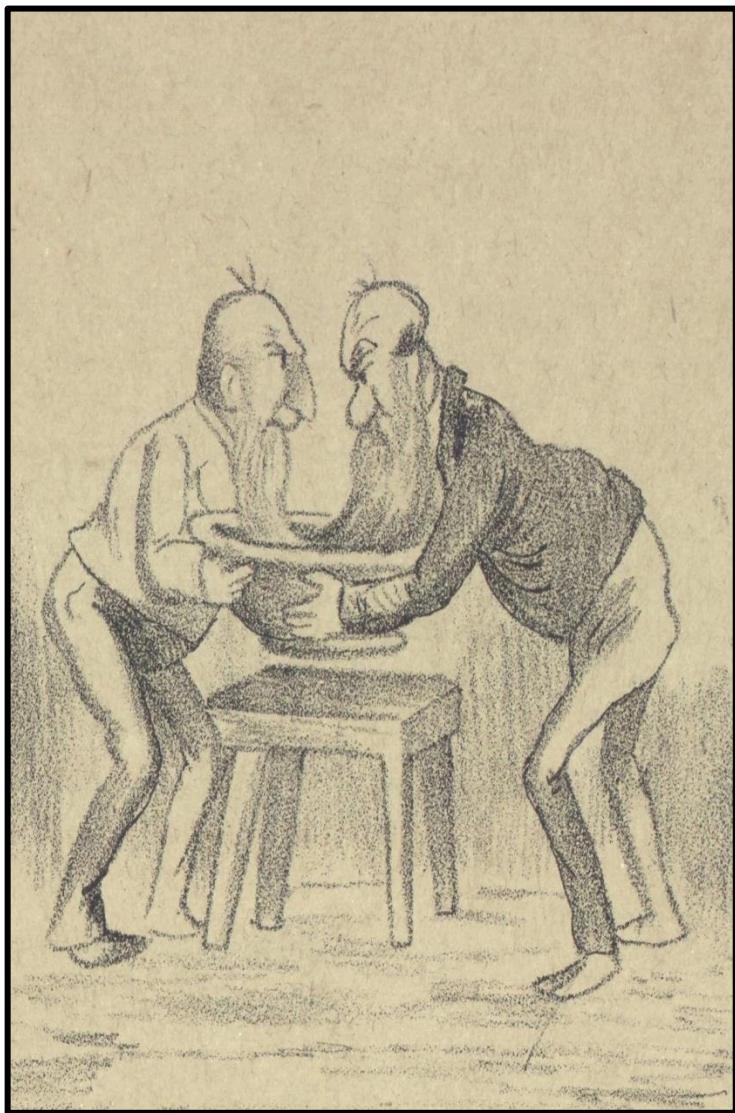
O BISTURI E A OPOSIÇÃO AO ECO DO SUL: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)



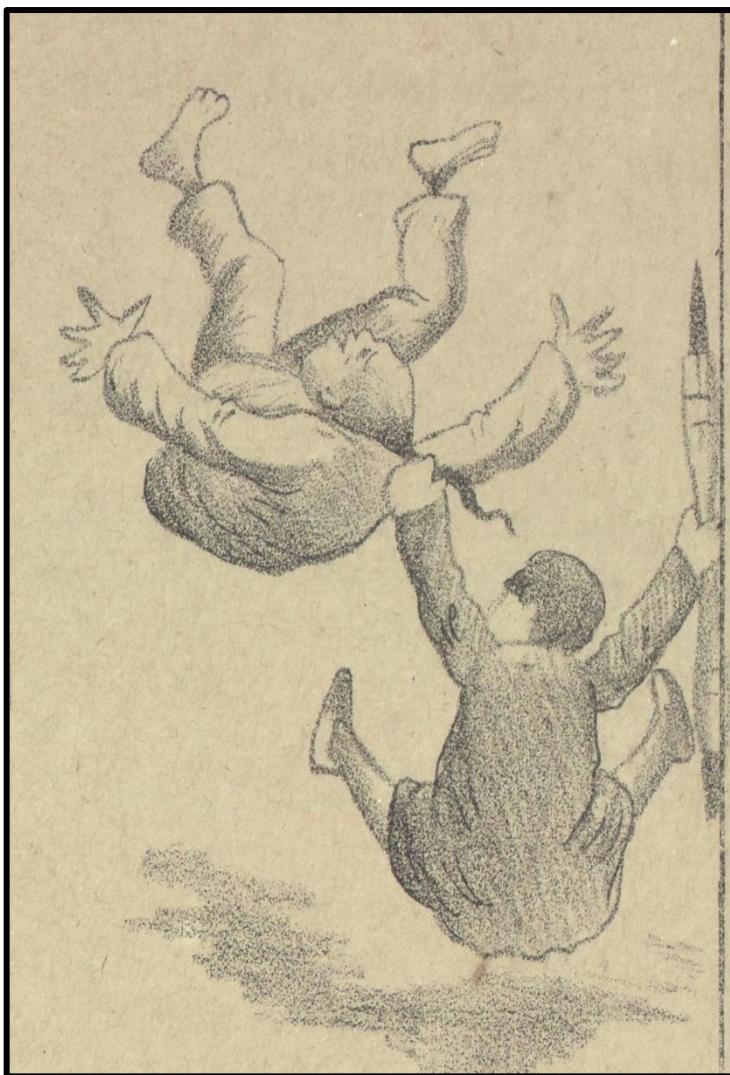
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



O BISTURI E A OPOSIÇÃO AO ECO DO SUL: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)



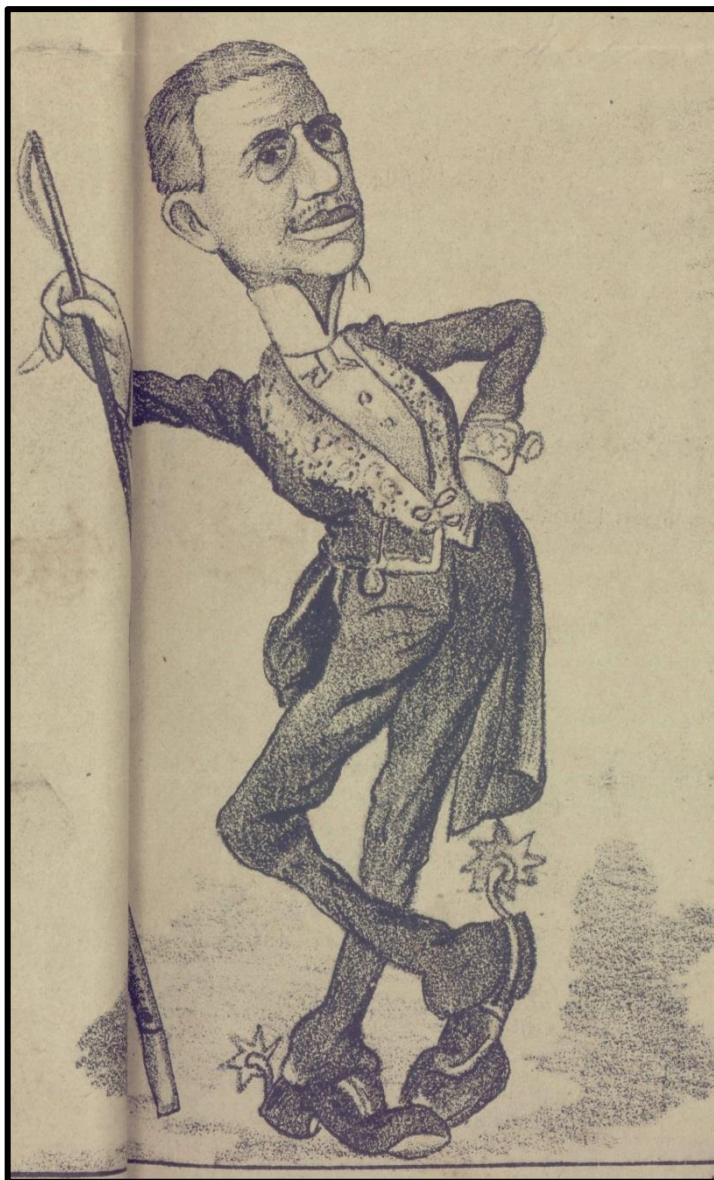
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



O BISTURI E A OPOSIÇÃO AO ECO DO SUL: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)

De jaquetão, mas com um rebenque à mão e esporas nos pés, Cezar era demonstrado como um novo personagem, agora poderoso, identificado pela legenda “esse homem” (BISTURI, 27 mar. 1892). Em época de Semana Santa, o bobo da corte expulsava o “Chinês”, chutando-lhe os fundilhos e arrancando-lhe o rabicho, dizendo que, naquele momento havia “assuntos sérios e religiosos a tratar, e você cá dentro é uma ofensa a Deus, um sacrilégio”. Após tratar dos temas vinculados ao cotidiano religioso, o semanário elegia os seus candidatos a Judas daquele ano, prontos a ser enforcados em uma árvore, apontando a representação do câmbio, um padre, o proprietário e o redator do *Eco*. O fechamento retomava a abertura, com uma nova perseguição do bobo da corte ao “chim do Eco” (BISTURI, 3 abr. 1892). A inspiração religiosa permanecia na alegoria ilustrada pelo periódico caricato, denominada “Em caminho do calvário”, com o ancião que representava a cidade do Rio Grande, aparecia carregando a cruz, sendo puxado pelo governante Barros Cassal, pertencente à dissidência republicana. A cena era complementada pela presença de aves e morcegos, que designavam alguns dos males que afligiam o país, como o “câmbio”, o “monopólio”, a “carência de gêneros”, a “falta de troco” e as “epidemias”. Duas figuras femininas pranteavam a situação, simbolizando a “imprensa” e a “opinião pública”, ao passo que os soldados romanos traduziam os diferentes matizes republicanos. Dentre os personagens, vários deles jornalistas, estava o próprio J. J. Cezar, em seus trajes de juiz distrital (BISTURI, 10 abr. 1892).

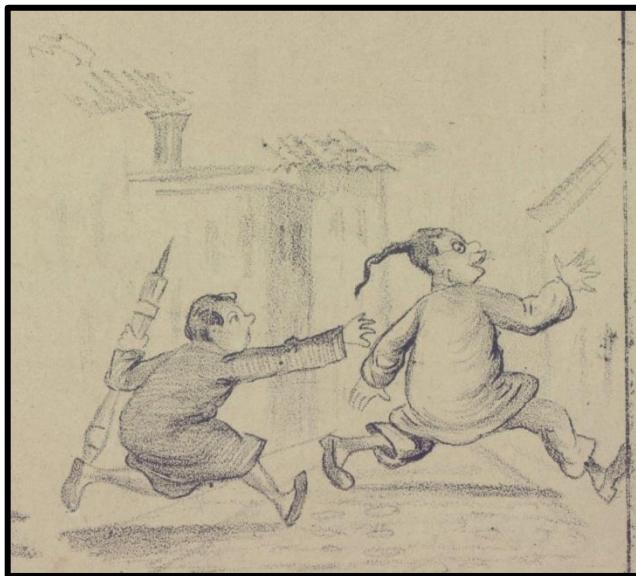
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



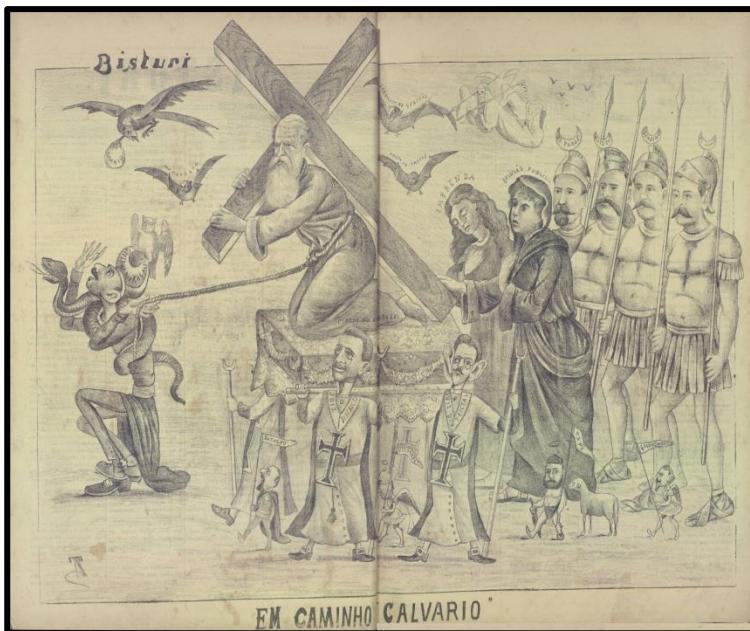
O BISTURI E A OPOSIÇÃO AO ECO DO SUL: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



O *BISTURI* E A OPOSIÇÃO AO *ECO DO SUL*: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)



Mais uma vez metamorfoseado, J. J. Cezar aparecia com corpo de peixe e cabeça humana, sendo pescado por um bobo da corte. A respeito da gravura, o hebdomadário caricato comentava que “se queixa o *Artista* que há falta de peixe no mercado”, deveria “fazer como nós, caniço na água”, tanto que “na semana passada caiu no nosso anzol um suculento xaréu” (*BISTURI*, 17 abr. 1892). A partida de Cezar do Rio Grande pela incompatibilidade entre as atividades de jornalista e juiz, também foi retratada pelo *Bisturi*, ao mostrá-lo despedindo-se de um choroso proprietário do *Eco do Sul*, enquanto os demais representantes do periodismo rio-grandino eram cobertos por crepe de luto e lágrimas, supostamente lastimando a perda do colega.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

Carregando na ironia, o semanário dava ares de grandiloquência ao ato, sem considerar que o mesmo tivesse alguma grandeza, tanto que chamava o informe de “notícia de sensação”, com “a retirada de João Cesar da redação do *Eco*”, o qual estaria a pedir paciência ao dono do jornal, tendo que em vista que o mesmo “já não vende e é preciso tratar da vida”. Já ao final, em tom sarcástico, apontava que, “por este motivo, a imprensa rio-grandense cobre-se de pesado luto” (BISTURI, 29 maio 1892).



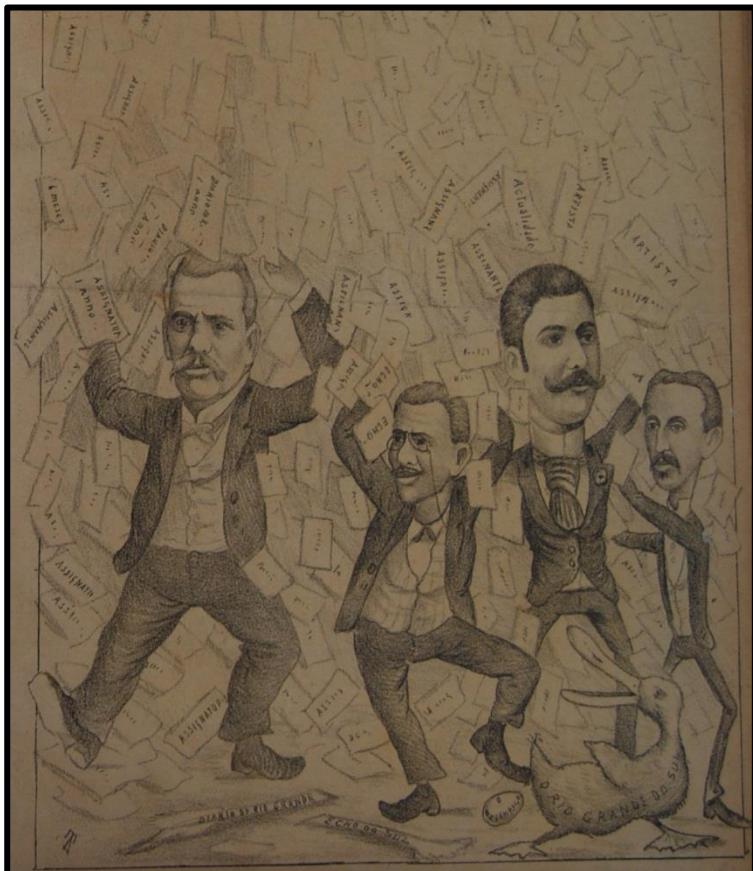
O *BISTURI* E A OPOSIÇÃO AO *ECO DO SUL*: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)



A guerra civil demarcada pela Revolução Federalista levaria a uma aproximação entre os antigos liberais, agora sob a bandeira federalista e os dissidentes republicanos, refletindo-se tal processo nas relações entre Thadio Amorim e J. J. Cezar. Nesse sentido, ao demonstrar alguma esperança no porvir, o *Bisturi* imaginava um futuro alvissareiro para a imprensa rio-grandina, com a ampliação do número de favorecedores, vindo a afirmar que, “com a entrada do Ano Bom é o que desejamos aos nossos distintos colegas: uma chuva torrencial de assinaturas”. Dentre os “distintos colegas” figurava o próprio João José Cezar (*BISTURI*, 8 jan. 1893). Pouco depois, o periódico ilustrado denunciava a repressão que recaía sobre a imprensa, não sendo respeitado o ditame constitucional quanto à liberdade de expressão, de modo que os jornalistas rio-grandinos, dentre os quais o próprio Cezar, encontravam-se

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

agrilhoados ao chão, em alusão à política coercitiva que a eles era imposta (BISTURI, 19 fev. 1893).



O BISTURI E A OPOSIÇÃO AO ECO DO SUL: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)



A nova perspectiva para com Cezar levou o semanário ilustrado a trazer até mesmo a sua preocupação quanto ao desaparecimento do mesmo, conjecturando que tal sumiço advinha das perseguições castilhistas. Nessa linha, apresentou caricatura na qual um prestidigitador seria o responsável por realizar a mágica de encontrá-lo, retirando-lhe figurativamente do interior de Júlio de Castilhos, que expelia o escritor público por meio de uma enorme língua que assumia o formato de uma serpente e todos os males que tal animal simbolicamente representa. Para descrever o ato, o semanário apontava que era tal a “habilidade” do mágico, que iria “arrancar do ventre do governador, o valente jornalista J. J. Cezar, que há dias desapareceu desta cidade”; e complementava: “Este trabalho é feito com muita limpeza” (BISTURI, 19 mar. 1893). A reconciliação entre o caricaturista e o jornalista seria sacramentada já ao final do século XIX, quando ambos seriam os responsáveis pela publicação do *Rio Grande Ilustrada*, nova folha humorística editada na cidade do Rio Grande, aparecendo ambos no frontispício do periódico, Amorim como responsável pelas ilustrações e Cezar, sob o pseudônimo de Severo Macedo, como

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

diretor geral (*O RIO GRANDE ILUSTRADO*, 23 jul. 1897).



O BISTURI E A OPOSIÇÃO AO ECO DO SUL: EMBATES NA IMPRENSA RIO-GRANDINA (1890-1893)



- detalhe -

Assim Thadio Alves de Amorim não deu tréguas a João José Cezar durante os anos iniciais da República. Ao defenderem bandeiras discordantes no campo das batalhas discursivas, o caricaturista buscou desqualificar

de várias maneiras o jornalista, utilizando-se de diversificadas estratégias textuais e imagéticas. Nesse sentido, Cezar foi caracterizado como mau jornalista, desonesto e venal; como um arlequim ou um histrião; um louco internado em um manicômio; ou ainda metamorfoseado como um animal, assumindo formas de serpente, verme, burro, cão e peixe; e, a mais recorrente representação, ele era denominado de “Chinês” ou “Chim”, com todo o menosprezo e a carga preconceituosa envolvida em tal termo. O pano de fundo de tais discordâncias eram as questões político-partidárias e ideológicas, com Amorim defendendo o ideário liberal e Cezar o da dissidência republicana. Além disso, ao assumir o pseudônimo de *Cantu-Mirim* para redigir as “Historietas”, calcadas na crítica, na sátira e na ironia, J. J. Cezar e o *Eco* entravam na seara de Thadio e do *Bisturi*, gerando uma espécie de concorrência desagradável para o periódico caricato e seu proprietário. A paz entre ambos só viria a ser selada com a guerra propriamente dita, pois, a partir da fermentação e deflagração da Revolução Federalista, Thadio Amorim e João José Cezar, *Bisturi* e *Eco do Sul*, viriam a defender a mesma causa, colocando-se definitivamente alinhados na oposição, na resistência e na luta contra o castilhismo.



COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação prenhe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amalgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt
Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025

